



Intérpretes do Brasil: A redescoberta do Brasil como problema

Leia nesta edição

Editorial **pg. 2**

Tema de capa

Entrevistas

Francisco Alambert: "A idéia de nação não morreu" **pg. 3**

Maria Lúcia Pallares-Burke: Gilberto Freyre e o Brasil da cultura mestiça **pg. 7**

Sandra Pesavento: O "homem cordial" e o jeito brasileiro de ser **pg. 12**

Maria Sylvia de Carvalho Franco: Violência e assistencialismo têm raízes na ordem escravocrata **pg. 15**

Paulo Martinez: A evolução política do Brasil em Caio Prado Júnior **pg. 20**

Destaques da semana

Análise de Conjuntura:

Cândido Grzybowski: A ameaça é a política econômica **pg. 28**

Livro da Semana:

Lilia Moritz Schwarcz: Ricardo Benzaquen de Araújo. *Guerra e Paz*. São Paulo: Editora 34. 1994. 2005, 2ª. edição **pg. 29**

Teologia Pública:

Charles de Foucauld: 1858-1916 **pg. 32**

Memória:

Francisco Anselmo de Barros **pg. 39**

Filme da Semana:

Cidade Baixa **pg. 42**

Artigo da Semana:

Ulrich Beck: Os jovens dos subúrbios encarnam os cidadãos “supérfluos” **pg. 44**

Entrevistas da Semana:

Paul Virillo: Eis o imaginário que tomou o poder **pg. 47**

Edgar Morin: “É necessário lançar as bases de uma nova civilização” **pg. 49**

Marc Augé: Os lugares dos excluídos e a modernidade falida **pg. 51**

Deu nos jornais:

pg. 53

Frases da semana:

pg. 56

IHU em revista

Eventos pg. 59

IHU Repórter pg. 64

Sala de Leitura pg. 67

Editorial

Nesta semana, concluiremos o **III Ciclo de Estudos sobre o Brasil**. Desde o primeiro ciclo, iniciado em 2003, nos debruçamos sobre as obras de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Jr., entre outros. Compreender o Brasil é o desafio da proposta deste Ciclo, que terminará, nesta quinta-feira, com a conferência da Profa. Dra. Maria Sylvia de Carvalho Franco. Ela falará sobre o seu livro ***Homens livres na ordem escravocrata***.

Entender o “mistério” brasileiro é o que se propõem os intérpretes do Brasil, tema de capa desta edição. Segundo o Prof. Dr. Francisco Alambert, o “intérprete do Brasil” de hoje é aquele que pensa (e critica) essa nova configuração histórica e não se adapta a ela, indo contra a corrente ao não dissociar cultura de política e ambas da economia.

É auspicioso que várias obras recentes retomem o estudo de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Jr. Assim, a reedição do livro ***Guerra e Paz***, de Ricardo Benzaquen de Araújo, comentando a obra de Gilberto Freyre, é apresentada nesta edição por Lília Moritz Schwarcz.

A longa e instigante entrevista de Fernando Novais, falando desses três autores, publicada, ontem, dia 20-11-05, pelo jornal ***Folha de S. Paulo***, mostra a pertinência de estudar, nestes tempos de crise, o Brasil e buscar responder perguntas como: Por que aqui nunca houve uma revolução (nem “burguesa”, nem mesmo de “independência”)? Como e por que podemos criar o mais importante e original partido de esquerda da segunda metade do século XX e, assim que ele conquista o poder formal (o que é uma novidade), ele rapidamente é domesticado e esvaziado pela “cultura” que criou os tais brasileiros pobres, estruturalmente pobres?

Além do tema de capa, continuamos a análise da rebelião dos jovens da periferia das grandes cidades francesas, publicando entrevistas com Edgar Morin, Marc Augé e Ulrich Beck.

Uma entrevista com Paul Virilio sobre o domínio das imagens na contemporaneidade e uma análise do filme *Cidade baixa*, além de outros assuntos, completam esta edição.

A todas e todos, uma excelente leitura e uma semana proveitosa!

“A idéia de nação não morreu”

Entrevista com Francisco Alambert

A morte anunciada da nação é uma estratégia de quem lucra nesse novo estado de coisas, mas, ao mesmo tempo, novas alianças são possíveis e necessárias. A afirmação é do professor Francisco Alambert, professor de História Contemporânea e História Social da Arte na Universidade de São Paulo (USP), em entrevista à *IHU On-Line* por e-mail. Para ele, a maior contribuição dos autores das obras clássicas foi compreender as especificidades da formação brasileira no seu significado “pós-colonial”, redescobrimdo o Brasil como problema. Graduado em História pela PUC-SP, Alambert é mestre e doutor em História Social, pela USP, tendo sua dissertação o título *Um Melancólico no Auge do Modernismo: Sérgio Milliet*, e sua tese o título *Civilização e Barbárie, História e Cultura. Representações Culturais e Projeções da Guerra do Paraguai nas Crises do Segundo Reinado e da Primeira República*. Ele é autor de, entre outros, *A Semana de 22: a aventura modernista no Brasil*. São Paulo: Scipione, 1992 e, com Polyana Canhête, *Bienais de São Paulo: da era do Museu à era dos curadores*. São Paulo: Boitempo, 2004, prêmio Jabuti de 2005.

***IHU On-Line* - O que significa estudar o Brasil hoje?**

Francisco Alambert - Pensar o Brasil hoje é pensá-lo num novo espaço de problemas contraditórios. De um lado, uma nova realidade mundial do sistema capitalista (que alguns chamam de globalização) na qual a idéia de nação é dissolvida – e muitos teóricos se encarregam de realizar essa dissolução em seus textos tanto quanto os financistas fazem em suas ações. Por outro lado, esse novo arranjo global

reforça nacionalismos (na Europa, no mundo Árabe e, especialmente, nos EUA, centro do capitalismo global) e produz periferias em massa em toda parte (desde regiões do mundo, países e até mesmo em cidades que explodem, como Los Angeles, São Paulo, Rio de Janeiro ou, hoje, mesmo Paris). O importante seria entender que a idéia de nação não morreu (sua morte anunciada é uma estratégia de quem lucra nesse novo estado de coisas), mas que, ao mesmo tempo, novas alianças são possíveis e

necessárias. O "intérprete do Brasil" de hoje seria aquele que pensa (e critica) essa nova conformação histórica e não se adapta a ela (como é o caso da imensa maioria dos intelectuais brasileiros, bocós e deslumbrados com o "mundo"). O nome que me surge quando penso nessas coisas é o do filósofo Paulo Arantes¹.

IHU On-Line – O que fica ainda hoje da contribuição de autores clássicos que conseguem se manter tão atuais?

Francisco Alambert – No geral, é terem sabido, num contexto bem favorável, compreender as especificidades da formação brasileira no seu significado "pós-colonial". Com instrumentos bem "azeitados" trazidos pela cultura universal (o marxismo em Caio Prado, a sociologia alemã em Sérgio Buarque e a antropologia norte-americana em Gilberto Freyre) eles redescobriram o Brasil como problema.

IHU On-Line – Como o resgate histórico trazido nas obras clássicas brasileiras contribui no sentido de compreender o nosso presente e até mesmo o nosso futuro?

Francisco Alambert – Os tais clássicos nos ensinaram a ver a diferença brasileira, e isso é o fundamental. Mas também perceberam que não éramos puramente uma "originalidade", mas parte de um movimento histórico, que no nosso caso começa e se define com base na forma da colonização europeia (Caio Prado²), da marcha da

modernização capitalista e suas especificidades na periferia do sistema (Sérgio Buarque) e da forma cultural resultante da permanência da escravidão (Gilberto Freyre³).

IHU On-Line – Como aparece a identidade nacional nos livros dos autores considerados "intérpretes do Brasil"? Como é visto o brasileiro (a)?

Francisco Alambert – Esse assunto é polêmico porque existem mil interpretações dos "intérpretes". Para início de conversa, recomendo o livro de Carlos Guilherme Mota: *Ideologia da Cultura Brasileira*⁴, numa chave bem crítica dos anos 1970.

IHU On-Line – Qual a contribuição de Caio Prado Jr. na compreensão do processo da formação histórica brasileira?

Francisco Alambert – Acho, ao contrário da moda recente (que valoriza

autor ao *IHU On-Line* na 70ª edição, de 11 de agosto de 2003. (Nota do *IHU On-Line*)

¹ Gilberto Freyre (1900-1987), escritor, professor, conferencista e deputado federal. Colaborou em revistas e jornais brasileiros. Foi professor convidado da Universidade de Stanford (EUA). Recebeu vários prêmios por sua obra, entre os quais, em 1967, o prêmio Aspen do ano, do Instituto Aspen de Estudos Humanísticos (EUA) e o Prêmio Internacional *La Madoninna*, em 1969. Ainda recebeu o título de Doutor Honoris Causa da Universidade de Münster (Alemanha) e da Universidade Católica de Pernambuco. Sua produção literária é muito importante. Entre seus livros, citamos: *Casa grande & Senzala* e *Sobrados e Mocambos*. O Prof. Dr. Mário Maestri, do PPG em História da Universidade de Passo Fundo (UPF), apresentou o segundo livro na programação do II Ciclo de Estudos sobre o Brasil, promovido no dia 15 de abril de 2004, pelo Instituto Humanitas Unisinos. Sua palestra originou o artigo publicado no *Cadernos IHU* número 6, de 2004, intitulado *Gilberto Freyre: da Casa-Grande ao Sobrado. Gênese e Dissolução do Patriarcalismo Escravista no Brasil. Algumas Considerações*. (Nota do *IHU On-Line*)

⁴ MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)*. 4.ed., São Paulo: Ática, 1980. (Nota da *IHU On-Line*)

¹ Paulo Arantes: filósofo e escritor, autor do livro, entre outros, *Zero à esquerda*. São Paulo: Conrad Livros, 2004. (Nota da *IHU On-Line*)

² O livro *Formação do Brasil Contemporâneo*, de Caio Prado Júnior, foi apresentado no I Ciclo de Estudos sobre o Brasil, em 14 de agosto de 2003, pela Profa. MS Márcia Eckert Miranda, da Unisinos, que concedeu uma entrevista sobre a obra e o

Sérgio Buarque e supervaloriza Gilberto Freyre), que é a mais significativa. Caio Prado percebeu que não éramos uma excrescência do capitalismo europeu, mas sua realização integral. "Nascemos" modernos, dentro da modernidade, e como uma criação dela. Mas uma criação acertada para um determinado fim (no sentido de finalidade): acumular lucro na metrópole, que, para isso, poderia até mesmo reinventar uma forma bárbara de exploração que a modernidade havia esquecido: a escravidão (soa bem contemporâneo, não?). Além disso, ele percebeu que a forma da colonização (no sentido formal mesmo, como em arte) definia seu conteúdo e seu sentido: a colônia de exploração (o Brasil, por exemplo) servia para uma coisa e a colônia de povoamento (o norte dos EUA, por exemplo) para outra. Se continuarmos pensando nesse sentido podemos entender o que foi perguntado na primeira questão: como nos localizamos (e esse "nós" envolve toda a América Latina) no mundo atual? É um caminho melhor do que o culturalismo, hoje tão em moda.

IHU On-Line - Quais os maiores impasses ou desafios na relação entre História e Literatura na hora de repensar o Brasil com base nas obras clássicas nacionais?

Francisco Alambert - "Literatura", como "Arte", são conceitos "importados" (como tudo o mais) que aqui tomam sentido diferente, tenso e contraditório em relação à sua origem. O que não quer dizer inferioridade ou algo assim. É o que nos ensinam os grandes críticos literários não-formalistas (embora eles saibam que as análises culturais partem, sobretudo, da forma) como Antonio Candido⁵ e Roberto Schwarz⁶, que estão

⁵ O debate sobre o livro *Os parceiros do Rio Bonito*, de Antonio Candido, abriu a segunda etapa

na linha da tradição dos "intérpretes do Brasil" que estamos tratando. As análises de Schwarz sobre Machado de Assis são o que de melhor a cultura brasileira criou nesse campo (aliás, no resto do mundo isso é ainda mais reconhecido do que aqui).

IHU On-Line - Podemos considerar a Segunda Guerra Mundial como um marco divisor na história da sociologia brasileira? Que grandes mudanças se percebem nas obras clássicas brasileiras a partir deste episódio histórico?

Francisco Alambert - O período do pós-guerra correspondeu ao surto desenvolvimentista por aqui. Pensar o Brasil sociologicamente, no sentido da modernização, fazia mais sentido do que nunca. As novas universidades (tendo como modelo o da USP, que é dos anos 1930, momento da supermodernização paulista), as vanguardas culturais e artísticas, a teoria da dependência, tudo enfim caminhava diante da idéia otimista, aparentemente bem fundada nas aparências, de que o Brasil ia "dar certo". Vida intelectual e realização histórica pareciam caminhar juntas. E

do *II Ciclo de Estudos sobre o Brasil*, realizado em 2004. O evento foi realizado no dia 9 de setembro de 2004, e o responsável pelos trabalhos sobre a obra foi o Prof. Dr. Paulo Seben de Azevedo, professor na UFRGS e na Faculdade de Ciências e Letras de Osório (FACOSFACAD). O tema do debate sobre o livro *Os parceiros do Rio Bonito*, de Antonio Candido, foi abordado pelo professor Paulo Seben de Azevedo em entrevista concedida à *IHU On-Line* na 114ª edição, de 6 de setembro de 2004. O professor Paulo apresentará novamente essa obra nesta semana, dia 23 de outubro, na Livraria Cultura, em Porto Alegre. (Nota da *IHU On-Line*)

⁶ **Roberto Schwarz**: crítico literário nascido em Viena, na Áustria, em 1938. Estudou ciências sociais e letras nas universidades de São Paulo, Yale e Paris, onde defendeu uma tese célebre sobre Machado de Assis. Ex-professor da Unicamp, Schwarz é uma das vozes mais incisivas do ensaísmo brasileiro. (Nota da *IHU On-Line*)

assim as coisas foram, até que o golpe de 1964 acabasse com a graça toda.

IHU On-Line - Em que momento começou a aparecer nos livros dos autores clássicos brasileiros a preocupação com as questões de ordem cultural e racial? Qual a origem e influência disso e como essas questões aparecem no Brasil de hoje? Houve mudanças significativas?

Francisco Alambert – O discurso sobre a cultura e a raça sempre existiu entre nós (entre a nossa elite na verdade), mas a grande mudança foi a obra de Gilberto Freyre. Foi realmente um acontecimento colossal. Usando a antropologia da "raça", ele "desconstruiu" os argumentos do racismo antropológico. O que era "inferioridade" passou a ser força e originalidade. Mas também surgiu daí uma mistificação da "democracia racial" brasileira e uma apologia às vezes acrítica de nossa "cultura", de nossa "plasticidade", "sensualidade" etc. Para muitos seguidores, o colonizador passou a ser visto como especialmente bom. Acho que, por isso, recentemente, muitos freyrianos, especialmente os cariocas, apoiaram a monarquia naquele plebiscito cômico dos anos 1990. Saudades do Império.

IHU On-Line - O que os intérpretes do Brasil priorizam em suas obras: entender quem é o brasileiro ou entender por que o brasileiro é pobre?

Francisco Alambert – Ótima pergunta. Aqui está a chave do jogo entre o que está vivo e o que está morto em nossos clássicos (e também em nós mesmos, hoje). Talvez uma coisa se ligue à outra, mas o que é realmente decisivo é a pobreza, a marginalidade, da crise constante, da incapacidade de firmar uma nação de "iguais". Já é um clichê repetir, mas o "mistério" brasileiro é entender como podemos nos "desenvolver" e ao mesmo tempo continuarmos sempre sendo a pior distribuição de renda do mundo. Por que aqui nunca houve uma revolução (nem mesmo "burguesa", nem mesmo de "independência"). Como e por que podemos criar o mais importante e original partido de esquerda da segunda metade do século XX e, assim que ele conquista o poder formal (o que é uma novidade), ele rapidamente é domesticado e esvaziado pela "cultura" que criou os tais brasileiros pobres, estruturalmente pobres? Isso é mais importante do que entender por que gostamos tanto de futebol ou carnaval (que são coisas realmente importantes de se compreender também). Por isso acho que Caio Prado ainda é fundamental, Sérgio Buarque também é importante e Gilberto Freyre, menos importante. Quem faz essas perguntas? Acho que elas são mais produtivamente colocadas por movimentos sociais (como o MST) do que por universitários pós-modernos, que dissociam cultura de política e ambas de economia.

Gilberto Freyre e o Brasil da cultura mestiça

Entrevista com Maria Lúcia Pallares-Burke

A historiadora brasileira Maria Lúcia Pallares-Burke fala, na entrevista que segue, sobre um dos autores clássicos mais lembrados na hora de repensar o Brasil: Gilberto Freyre. Ela foi aluna e professora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, instituição em que obteve os graus de mestre, doutora e livre-docente. Seu primeiro livro foi sobre a formação e a obra educacional do jovem Anísio Teixeira, intitulado *Anísio Teixeira: formação e primeiras realizações*. São Paulo: FEUSP, 1975. Interessou-se pela imprensa periódica do Iluminismo europeu e da América Latina do século XIX como poderoso instrumento de circulação, troca e recepção de idéias, e sobre este tema publicou *The Spectator: o Teatro das Luzes*. São Paulo: Hucitec, 1995 e *Nísia Floresta: o Carapuceiro e outros ensaios de tradução cultural*. São Paulo: Hucitec, 1996. Em 2000; reuniu entrevistas com nove eminentes historiadores da atualidade em *As muitas faces da História*. São Paulo: Editora UNESP, 2000, livro já traduzido para o inglês, o coreano e o espanhol.

Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos. São Paulo: Editora UNESP, 2005 faz parte de um projeto mais amplo que inclui uma obra sobre Freyre para o público de língua inglesa não especializado em assuntos brasileiros. Atualmente, Maria Lúcia vive em Cambridge, Inglaterra, e é associada do Centre of Latin American Studies, da Universidade de Cambridge. Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à *IHU On-Line*, ela fala sobre o objetivo do livro que escreveu sobre Gilberto Freyre: “tentar recuperar os desvios, descaminhos e becos sem saída que Freyre encontrou ao longo de seu percurso para a Casa-Grande, trazendo à luz as dificuldades que ele enfrentou para criar o novo paradigma com que inovou a interpretação da história do Brasil”. Segundo ela, na obra de Freyre a valorização da mestiçagem, talvez o aspecto mais revolucionário da obra, representou para um país, que se via como fadado ao atraso e à periferia da civilização, um vislumbre de progresso e de desenvolvimento da auto-estima de que tanto carecia.

***IHU On-Line* – Quais os principais aspectos trazidos pela senhora na obra *Um vitoriano dos Trópicos*? Em**

que sentido ela traz os elementos formadores do pensamento freyriano?

Maria Lúcia Pallares-Burke – Meu trabalho pode ser descrito como uma biografia desenvolvimentista ou genética que procura seguir cronologicamente a trajetória de Gilberto Freyre nos anos de sua formação. Um dos desafios que enfrentei para escrever esse estudo foi o de não me desviar da determinação de observar mais a jornada de Freyre do que seu destino final e de não cair, portanto, na tentação de escrever a sua história de trás para frente, assumindo que *Casa-Grande & Senzala* era o término seguro e inevitável de uma trajetória que fora guiada, desde cedo, por objetivos claros e harmoniosos, sem conflitos e sem desordem. Meu objetivo nesse estudo foi o de tentar recuperar os desvios, descaminhos e becos sem saída que Freyre encontrou ao longo de seu percurso para a *Casa-Grande*, trazendo à luz as dificuldades que ele enfrentou para criar o novo paradigma com que inovou a interpretação da história do Brasil.

IHU On-Line – Como aparece na obra de Freyre a sua trajetória pessoal, o mundo cultural no qual ele estava inserido e as influências anglo-americanas e nacionais que o levaram a abandonar o racismo científico e a entender a miscigenação sob uma nova perspectiva?

Maria Lúcia Pallares-Burke – Seu namoro com o movimento eugênico, bem como sua admiração pela obra de líderes norte-americanos do chamado “racismo científico”, em plena ascensão nos Estados Unidos, no período em que lá viveu, tornam inteligíveis alguns aspectos da obra de Freyre. Acredito, por exemplo, que as inconsistências e fluidez conceitual que vários intérpretes de Freyre notaram em seu pensamento a persistência da categoria de raça que se pode encontrar em passagens de sua

interpretação do Brasil são as marcas que sua conturbada e penosa trajetória deixou em sua obra. São, por assim dizer, resultado dos conflitos internos que enfrentou na juventude e das forças antagônicas que então o dividiam e, para as quais buscava, com dificuldade, encontrar um equilíbrio.

IHU On-Line – O que fez de Gilberto Freyre um vitoriano dos trópicos? Como suas idéias permitiram mudar a forma como o Brasil se percebe?

Maria Lúcia Pallares-Burke – Em primeiro lugar, acho importante salientar que o período vitoriano é muito mais complexo do que o estereótipo de “vitoriano” – entendido como conservador, austero, sério e moralista – faz pensar. No caso de Freyre, sua qualificação como “vitoriano” se justifica, no meu entender, porque os autores ingleses com quem mais se identificou e que exerceram papel de importantes interlocutores em seu período formativo viveram ou se formaram na era vitoriana. Entretanto, bastante distantes dos vitorianos que justificam o estereótipo, muitos dos pensadores que Freyre admirava e com quem dialogou eram vitorianos descontentes e rebeldes que se opunham corajosamente a muito do que era consagrado em seu tempo. É por isso que eu chamo os autores ingleses favoritos de Freyre de “vitorianos antivitorianos”. Ao acrescentar “dos trópicos” à qualificação de “vitoriano” quis chamar a atenção para o fato de Freyre ter se apropriado criativamente das idéias dos críticos britânicos, adaptando-as à sociedade brasileira, uma sociedade que estava num estágio muito diferente do que prevalecia na Inglaterra imperialista vitoriana da segunda metade do século XIX.

Exemplo da adaptação de Freyre

Para citar um só exemplo, o contraste entre a sociedade medieval e a insensibilidade do industrialismo e comercialismo filisteu que William Morris⁷ apontou e combateu não era aplicável ao Brasil. Adaptar suas idéias, ou fazer uma tradução cultural do pensamento de Morris, significava contrastar a sociedade patriarcal do passado colonial brasileiro com o furor neófito e a ganância mercantil da cidade em processo de modernização. Pode-se dizer que, para Freyre, o equivalente, no Nordeste, ao industrialismo moderno execrado por Morris era a indústria de cana. Assim, para o nosso “vitoriano” brasileiro, os vilões do Nordeste eram a usina e os usineiros. Freyre não vê só contrastes entre a Inglaterra e o Brasil. Ele também vê analogias, ou melhor, após um período em que considera o Brasil como uma Inglaterra às avessas – pelo seu gosto pela Antiguidade e pela tradição, sua combinação salutar de tradição e modernidade, sua capacidade de harmonizar e equilibrar antagonismos de toda ordem, inclusive entre raças e doutrinas, etc. – ele acaba por ficar mais e mais predisposto a encontrar, na sociedade brasileira, alguns aspectos essenciais da cultura que admirava. Se suas idéias permitiram mudar a forma como o Brasil se percebe é porque Freyre respondia a uma demanda que já existia previamente. Em outras palavras, ele falou para um público que estava pronto para receber

⁷ **William Morris** (1834-1896): foi um dos principais fundadores do Movimento das Artes e Ofícios britânico e é mais conhecido como *designer* de papéis de parede e tecidos padronizados, escritor de poesia e ficção e um dos fundadores do movimento socialista na Inglaterra. O conflito trágico na vida de Morris era seu desejo não-realizado de criar objetos belos a preços acessíveis – ou mesmo de graça – para as pessoas comuns, enquanto o resultado na vida real era sempre a criação de objetos extremamente caros para uma minoria óbvia. (Nota da *IHU On-Line*)

sua mensagem de otimismo. A valorização da mestiçagem, talvez o aspecto mais revolucionário da obra de Freyre, representou para um país que se via como fadado ao atraso e à periferia da civilização um vislumbre de progresso e de desenvolvimento da auto-estima de que tanto carecia.

***IHU On-Line* – Quais as consequências para a sociedade pós-Freyre da sua nova compreensão de miscigenação?**

Maria Lúcia Pallares-Burke – As idéias de que todos os brasileiros são mestiços, quer étnicos, quer culturais, e de que essa mestiçagem é um valor a ser prezado levou à apreciação e ao estudo da cultura afro-brasileira, mesmo que esse interesse e valorização não tenham sido capazes de tornar realidade o sonho da democracia racial, que ainda permanece a ser alcançado. Na década de 1930, contrapondo-se à forte corrente internacional que alardeava os efeitos desastrosos da miscigenação, Freyre uniu forças com pessoas como os antropólogos Roquette-Pinto⁸ e Franz Boas⁹ que combatiam a tese da

⁸ **Edgar Roquette-Pinto** (1884-1954): médico legista, professor, antropólogo, etnólogo e ensaísta, foi o pai da radiodifusão no Brasil. Diretor do Museu Nacional em 1926, realizou ali a maior coleção de filmes científicos no Brasil. (Nota da *IHU On-Line*)

⁹ **Franz Boas** (1858-1942) sofreu influência dos princípios políticos de seus pais durante sua infância e adolescência, causando reflexos na formação de suas idéias pioneiras sobre raça e etnicidade. Diferente dos evolucionistas que dominavam a Antropologia em seu princípio, Boas argumentava que, em contraste com o senso comum, raças distintas da caucasiana, “raças como os índios do Peru e da América Central haviam desenvolvido civilizações similares àquelas nas quais as civilizações européias tinham sua origem”. Embora seus escritos ainda reflitam um certo racismo inerente ao seu tempo, Boas foi pioneiro nas idéias de igualdade racial que resultaram nos estudos de Antropologia Cultural da atualidade. Como orientador de antropólogos notáveis como Margaret Mead, Melville Herskovits, Ruth Benedict e

degeneração da raça mestiça e sugeriam que o problema a ser solucionado não era racial, e sim, social e ambiental.

IHU On-Line – Por que é importante que a obra de Gilberto Freyre interesse às novas gerações de universitários?

Maria Lúcia Pallares-Burke – Freyre foi um dos maiores historiadores da sociedade e da cultura do século XX, e como um clássico que é, deve ser relido a cada geração. E não estou só me referindo ao contexto brasileiro, apesar de saber que é sonho, vão querer que ele seja leitura de universitários de outras latitudes. Freyre também se destaca como um antecipador da teoria do chamado “pós-colonialismo,” desenvolvida por figuras como Edward Said¹⁰ e Homi Bhabha¹¹. Entretanto, lembrando o que disse Fernando Braudel¹² a respeito de outro brilhante,

do brasileiro Gilberto Freyre, Boas ficou conhecido posteriormente como pai da Antropologia contemporânea. Em sua obra, Boas se contrapôs aos evolucionistas, que compreendiam as culturas das sociedades não-caucasianas como inferiores. É através de seus estudos que a idéia de uma escala evolutiva das sociedades, partindo de agrupamento de homens “selvagens” ou “naturais” e chegando às “sociedades civilizadas” européias vai sendo gradualmente abandonada pelos estudos antropológicos. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁰ **Edward Wadie Said** (1935- 2003): teórico literário americano, conhecido como crítico e ativista da causa palestina. É autor de, entre outros, *Orientalismo - o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989; *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995; *Cultura e Política*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003; e *Reflexão sobre o Exílio e Outros Ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. (Nota da *IHU On-Line*)

¹¹ **Homi K. Bhabha** (1949): teórico indo-britânico do período pós-colonial, professor na Universidade de Harvard, onde ensina no Programa em História e Literatura. Entre seus livros publicados em português, citamos *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998. (Nota da *IHU On-Line*)

¹² **Fernand Braudel** (1902-1985): historiador francês cuja obra destaca o poder dos mercados no

mas pouco conhecido, historiador polonês, diferentemente dele que tinha um alto-falante francês a lhe garantir uma maior audiência, as inovações de Witold Kula¹³, por mais importantes que fossem, ficavam confinadas ao seu contexto lingüístico.

IHU On-Line – Qual o paralelo que se pode traçar entre a questão racial nos Estados Unidos nos anos em que Gilberto estudava em Columbia, em que dominava o racismo de pretensões científicas, e a realidade que a senhora encontra hoje nos EUA e no Brasil?

Maria Lúcia Pallares-Burke – Nos Estados Unidos dos anos 1920, a hegemonia branca, ou mais especificamente, da raça nórdica – a “raça branca *par excellence*”, como então se dizia – seguia mais ou menos incontestada. Os poucos que ousavam questionar essa visão eram ofuscados pela corrente dominante que alardeava preconceitos como se fossem dados científicos e impunha drásticas e desumanas políticas segregacionistas, como a proibição de casamentos inter-raciais e a rígida separação entre brancos e negros em escolas, restaurantes, banheiros públicos, bancos de jardim, de trem, de ônibus etc. A contestação do *Civil Rights Movement*¹⁴,

desenvolvimento da civilização. Foi aluno de Lucien Febvre e ajudou a fundar a Escola dos Annales. Braudel veio ao Brasil em 1935 para ajudar a fundar a Universidade de São Paulo. É autor de livros como *A Identidade da França* (Globo), *Civilização Material, Economia e Capitalismo, O Espaço e a História do Mediterrâneo* (ambos pela Martins Fontes), entre outros. (Nota da *IHU On-Line*)

¹³ **Witold Kula**: historiador econômico polonês. É autor de, entre outros, *Teoria Econômica do Sistema Feudal*. Lisboa: Presença, 1979. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁴ **Civil Rights Movement** (Movimento dos Direitos Cívicos): Iniciativa nos EUA, nas décadas de 1950 e 1960, que buscava reformas jurídicas ou de

que ganhou força a partir dos anos 1960 e aboliu gradativamente a segregação institucionalizada há décadas, mudou muito esse quadro, apesar de ser ainda ali evidente a hegemonia branca. Quanto ao Brasil dos anos 1920, se é verdade que o desalento era grande quanto às possibilidades de um país tropical e mestiço e que o domínio cultural e econômico do elemento branco perpetuava, em silêncio, a história desumana da escravidão, não havia, no entanto, barreiras legais, no estilo norte-americano, a dividir seus grupos étnicos. Em outras palavras, se a realidade brasileira estava longe de ser paradisíaca, ela, no entanto, muito contrastava com a sociedade violenta norte-americana em que dominava e se expandia a política segregacionista; uma sociedade em que, como dizia Roquette-Pinto, “se linchava um negro com a mesma facilidade com que se mata um mosquito”. O Brasil de hoje, se considerarmos as discussões sobre as cotas para negros em universidades, parece estar querendo negar sua mestiçagem e uma história em que os conflitos raciais estão relativamente ausentes.

A Importação de um discurso norte-americano

É como se o Brasil estivesse importando um discurso norte-americano, mas um discurso que está sendo questionado inclusive lá, por eles mesmos. A história norte-americana é marcada pela “regra de uma única gota” (*the one drop rule*), que era originalmente parte do *ethos* sulista, mas que acabou contaminando todo o País. Segundo essa “regra”, a miscigenação era algo errado, a ser evitado por todos os meios (daí a proibição de casamentos inter-raciais), e

decisões judiciais que pudessem constituir um obstáculo contra a discriminação. (Nota da *IHU On-Line*)

os mulatos deveriam ser transformados em negros, já que, segundo a visão prevalecente, o sangue negro, não importa quão remoto fosse, fazia com que alguém fosse irremediavelmente negro. Uma única gota era suficiente para manchar indelevelmente o sangue, que seria para sempre impuro. Daí se dizer que as pessoas eram ou negras ou brancas. Ora, no Brasil, nunca houve tal regra, mas a “cota para negros” parece estar querendo negar, assim como os norte-americanos, a existência de pessoas que não são nem brancas nem negras; negar não só a existência como também o valor da mestiçagem. Seria bom relermos Roquette-Pinto e pensarmos na sua insistente campanha de que “o problema nacional é a educação dos que ali se encontram, claros ou escuros...”, de que “nosso problema” é, enfim, social, ambiental, educacional, e não fundamentalmente racial.

***IHU On-Line* - Como a obra tem repercutido no exterior? Como o estrangeiro vê o brasileiro?**

Maria Lúcia Pallares-Burke - A repercussão de Freyre no exterior foi sempre limitada, mas muito mais intensa logo após as traduções, a primeira tendo aparecido em meados dos anos 1940 nos Estados Unidos, onde acredito que sua obra tenha tido maior impacto. Hoje Freyre é leitura de especialistas em assuntos latino-americanos em geral, ou brasileiros em especial. Quando menciono o nome de Freyre na Europa, onde vivo, a primeira reação dos poucos que já ouviram o nome, é: “Ah! interessante as idéias educacionais de Freyre.” Evidentemente ele é confundido com Paulo Freyre, figura muito mais conhecida. De qualquer modo, a visão que o estrangeiro tem do Brasil é múltipla e a imagem que os vários meios de

comunicação veiculam do país faz com que ele seja associado a carnaval, sol, praias, bossa-nova, violência etc. A imagem de um país em que a miscigenação deu certo é uma delas, se bem que não a mais importante.

IHU On-Line – Quais os vestígios que permanecem ainda hoje da herança colonial lusitana, baseada no ideal da democracia racial e da miscigenação?

Maria Lúcia Pallares-Burke – Se é verdade que democracia racial não é uma caracterização que pode ser aplicada ao Brasil, em contraste com outros países as relações raciais são muito mais amigáveis. Se as relações raciais não são, de fato, democráticas,

elas são inegavelmente mais fraternais do que, por exemplo, nos Estados Unidos. E isso os estrangeiros que têm experiência de outras sociedades são os primeiros a apontar. Pode-se dizer que tudo isso é muito superficial, pois as desigualdades são grandes, mas de qualquer modo esse parece ser um traço cultural brasileiro importante. É como se, no Brasil, fosse mais fácil não considerar as pessoas de outras raças como totalmente diferentes – como o “outro” – porque há um sentido muito difundido de que vivemos numa cultura mestiça. E para essa visão do valor e da singularidade do Brasil mestiço, Gilberto Freyre contribuiu talvez mais do que ninguém.

O “homem cordial” e o jeito brasileiro de ser

Entrevista com Sandra Pesavento

A historiadora gaúcha Sandra Pesavento, professora titular da UFRGS, é co-autora do livro *Um historiador nas fronteiras. O Brasil de Sérgio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005. O livro foi escrito em conjunto pelo Grupo Internacional Clíope, e compõe-se de ensaios que se propõem a realizar uma releitura da obra de Sérgio Buarque de Holanda, abordando sua escrita e formação intelectual, tentando pensá-lo com base nas categorias de tempo e espaço. Esse é o tema da entrevista que segue, considerando que Sérgio Buarque de Holanda é um dos maiores intérpretes do Brasil. A entrevista foi concedida por e-mail à revista *IHU On-Line*.

Graduada em História pela UFRGS, Pesavento é também mestre em História pela PUCRS e doutora em História Econômica pela USP. Tem quatro pós-doutorados, todos eles na França: dois na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) e os outros na Université de Paris VII, U.P. VII e na Université de Paris IV (Paris-Sorbonne), U.P. IV. Escreveu dezenas de livros, entre os quais destacamos: *Pecuária e indústria; formas de realização do capitalismo na sociedade gaúcha do século XIX* Porto Alegre: Movimento, 1986; *Leituras cruzadas. Diálogos entre a*

história e a literatura. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000; *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas: Unicamp, 1998, os dois últimos por ela organizados.

Sob o título **A obra de Erico Verissimo e a História do RS**, Pesavento ministrou uma das conferências do Seminário Erico Verissimo, realizado na Unisinos no último mês de setembro. Na ocasião, ela concedeu uma entrevista à *IHU On-Line* número 154, de 4 de setembro de 2005, intitulada *Uma literatura que questiona “o personagem-símbolo do monarca das coxilhas e do centauro dos pampas”*.

IHU On-Line – Quais as principais conclusões que o Grupo Internacional Clópe aponta nos cinco ensaios publicados no livro *Um historiador nas Fronteiras*?

Sandra Pesavento – Sérgio Buarque de Holanda continua sendo, é claro, um dos grandes nomes da historiografia no País. Procuramos reler sua obra, pensando, sobretudo, em sua escrita, quais as suas leituras e influência, o contexto em que escreveu, para quem está escrevendo e como sua narrativa evoluiu no tempo. Trata-se, contudo, de uma leitura feita por cada um dos pesquisadores envolvidos do Grupo que, apesar do intenso debate entre nós, não tem uma uniformidade de vistas. Inclusive estabelecemos algumas críticas à sua obra, bastante contundentes, o que mostra exatamente que ela ainda está viva ao produzir discussão.

IHU On-Line – De que forma a obra de Sérgio Buarque contribui para estabelecer relações entre a História e a Literatura?

Sandra Pesavento – Este é um dos pontos básicos da análise. Nós, do Grupo Clópe, que, desde 1994, trabalhamos com as relações entre a História e a Literatura, temos interesse especial em cruzar as duas formas narrativas de representar o mundo e que guardam diferentes níveis de aproximação com o real. Este livro, no

caso, é resultado de uma destas nossas análises, produzidas por Jacques Leenhardt, da École des Hautes Études de Paris, por Chiara Vangelista, da Universidade de Torino, por Roberto Vecchi, da Universidade de Bologna, por Ettore Finazzi-Agró, da Universidade La Sapienza, de Roma, e por mim, da UFRGS. A proximidade que se estabelece entre Sérgio Buarque de Holanda e os que trabalham no âmbito da história cultural se estabelece na medida em que se podem apreciar claramente os elementos ficcionais que presidem a urdidura do texto e como ele consegue estabelecer uma versão verossímil dos acontecimentos. Em *Raízes do Brasil*¹⁵, por exemplo, que é mais um ensaio do que um texto histórico, isso é evidente. Sérgio Buarque sofre uma grande influência dos pensadores do culturalismo alemão, por exemplo. Estou convencida que o seu estágio em Berlim, da mocidade, foi decisivo na sua formação cultural.

IHU On-Line – Como aparecem, nessa produção, as noções de tempo e espaço que percorrem a obra de Sérgio Buarque?

Sandra Pesavento – Sérgio Buarque estabelece uma multiplicidade de

¹⁵ O livro *Raízes do Brasil* foi apresentado pela professora Eliane Fleck, da Unisinos, no dia 08 de maio de 2003, no *I Ciclo de Estudos sobre o Brasil*, promovido pelo IHU. (Nota do *IHU On-Line*)

tempos em sua obra, desde um tempo quase parado, de um cotidiano que se arrasta, quase imutável, ao tempo da ação, encarnado por alguns personagens-chave da história que monta e que, em movimento contínuo e evolutivo, se opõem à imobilidade das pesadas estruturas herdadas da colonização. E, neste ponto, não há como negar: ele escreve de São Paulo para o País. Sua obra *Raízes do Brasil* se destina a mostrar, entre outras coisas, que a possibilidade de alteração ou desmontagem do *status quo*, ou a regeneração nacional deve vir de São Paulo. O homem paulista, este “rompedor” de fronteiras, é a salvação do País. Não esqueçamos que ele escreve esta obra seminal às vésperas da decretação do Estado Novo. Mas a obra de Sérgio Buarque fez escola, bem sabemos, e não como um olhar paulista sobre o Brasil, como a visão do Brasil consensualmente aceita. Aliás, é interessante ver como seria o mapa do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda. Nós aqui, do Sul, não estaríamos contemplados nesta carta geográfica imaginada com base na história do Brasil que ele traça e que é legitimada pela academia...

IHU On-Line - O que é importante destacar na releitura atual da obra de Sérgio Buarque de Holanda? Como ela pode contribuir no sentido de compreender a realidade brasileira de hoje?

Sandra Pesavento - Destaco a possibilidade de relê-lo, baseados em nossas preocupações do presente e, fundamentalmente, lê-lo tendo em vista a temporalidade de sua escrita, para entender o “como” e o “porquê” dela. Por exemplo, nas múltiplas festividades e eventos que se fizeram sobre ele, houve uma tendência a repetir coisas já ditas. É preciso rever os autores com

outros olhos e o fato de nos lançarmos, uma vez mais, sobre suas obras, mostra a sua importância. Significa que ele ainda tem muito a nos dizer!

IHU On-Line - É possível afirmar que Sérgio Buarque, no livro *Raízes do Brasil*, tenta, através de nosso passado, ver o nosso futuro? Como ele consegue isso?

Sandra Pesavento - Sim, pois se há uma temporalidade primordial neste livro engajado, quase um libelo, é o do tempo do futuro, tempo da ação – ele mesmo o chama de “nossa revolução” –, em que os construtores deste futuro estão em São Paulo, em uma espécie de recriação das figuras magistrais dos bandeirantes.

IHU On-Line - Quais as maiores riquezas da obra de Sérgio Buarque no sentido da busca da identidade nacional? Como ele caracteriza o brasileiro?

Sandra Pesavento - Há *insights* maravilhosos, do tipo: “em terra onde todos são barões, é difícil a conciliação...”. Isso aponta bem para esta espécie de marca de Caim herdada da colonização portuguesa. Sérgio Buarque de Holanda é duro para com a colonização portuguesa, nesse sentido, mas toca em coisas que ainda temos presentes na nossa sociedade. Outras afirmações, por exemplo, como a dos dois tipos formadores da América – o *semeador* português, voltado para a terra, e o *ladrilhador* espanhol, construtor de cidade, hoje já pode ser relativizado. Os estudos mais recentes sobre as cidades no Brasil mostram a atividade da colonização portuguesa como construtora de cidades, reformulando a idéia apresentada por Sérgio Buarque de que nossos centros urbanos teriam surgido quase que por acaso. Entretanto, é claro, sua escrita é

datada, e não podemos exigir de um autor que pense acima das condições e possibilidades e sua época.

IHU On-Line – Quem é o "homem cordial" de Sérgio Buarque de Holanda? Esse conceito foi bem compreendido?

Sandra Pesavento – É aquele que se situa no inverso da prática e da vivência democrática: é afável, gentil, amigável, mas opera segundo as lógicas do favor. De uma certa forma, ele se situaria no âmago de um certo jeito brasileiro de ser. É, pois, uma crítica profunda à identidade nacional, confundida, às vezes, com o “ser bonzinho”, simpático. A rigor, corresponde ainda a um estereótipo difundido, nacional e

internacionalmente, para o caráter do brasileiro.

IHU On-Line – Qual a importância de estudar os autores clássicos das obras brasileiras?

Sandra Pesavento – Como diz Ítalo Calvino, em *Porque ler os clássicos* (São Paulo: Companhia das Letras, 1993) eles são clássicos justamente porque são relidos, porque têm sempre alguma coisa ainda a nos dizer. São datados, é claro. Todo o autor é homem do seu tempo e responde a questões de sua época, mas refletiram sobre coisas que atravessam as épocas. Nesta medida, eles seriam sempre atuais.

Violência e assistencialismo têm raízes na ordem escravocrata

Entrevista com Maria Sylvia de Carvalho Franco

Essa é a conclusão a que chegou a cientista social Maria Sylvia de Carvalho Franco na entrevista que concedeu à *IHU On-Line* por e-mail. E a espiral de dominação continua, acredita. Segundo ela, “a tecnologia mais moderna aparelhou os braços do partido no governo até os mais longínquos grotões a fim de estabelecer uma política paternalista, exploradora da pobreza, como os referidos programas de bolsa-família, de pequeno crédito, de empréstimo preferencial a aposentados, atos que se destinam a favorecer os moderníssimos sistemas financeiros”.

Maria Sylvia é a responsável pela condução da última edição do **III Ciclo de Estudos sobre o Brasil**, quando apresentará, no dia 24 de novembro, a obra *Homens livres na ordem escravocrata*. São Paulo: Unesp, 1997. A atividade vai das 20 às 22h na sala 1G119, ao lado do IHU na Unisinos.

Ela é bacharel e licenciada em Ciências Sociais pela USP, especialista em Sociologia pela USP e doutora em Ciências Sociais pela Yale University, EUA, com a tese **Homens livres na ordem escravocrata**, que originou seu livro. Coursou diversos pós-doutorados, dentre eles na Universidade de Londres, e na École

Pratique des Hautes Études em Sciences Sociales, Paris, França. Atualmente, leciona como professora titular no Departamento de Filosofia, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP e no Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp.

IHU On-Line - Quem são os homens livres na ordem escravocrata? Que papel exercem na construção dos fundamentos da sociedade do trabalho brasileira?

Maria Sylvia de Carvalho Franco -

Uma primeira ressalva precisa ser feita: na caracterização corrente da ordem socioeconômica engendrada na Colônia o acento recai na escravaria, chegando-se a distinguir, nessa fase, um “sistema escravista”. Meu ponto de partida, isto é, a retomada do trabalho escravo como forma de ajustar a produção colonial ao desenvolvimento dos mercados capitalistas europeus (que se orientavam para a utilização do trabalhador livre) evidenciou a gênese de um estrato social bem definido no Brasil. Trata-se dos homens livres e *pobres*, inseridos em um sistema econômico que se expandiu com fonte externa de mão-de-obra (o tráfico do escravo africano), dando origem a uma população livre não-integrada à produção mercantil. A abundância de terras apropriadas pelos grupos dominantes, mas não utilizadas integralmente, abriu espaço para esses homens excluídos da propriedade da terra, mas não de sua posse. Vivendo à sombra dos grupos dominantes, submeteram-se a formas de dominação baseadas em relações diretas e pessoais, inseridos numa ampla rede de contraprestações de serviços prestados e mercês recebidas, desde o assassinato por capangas até os meios de subsistência garantidos pelos detentores do poder.

De um lado, uma grande instabilidade marcou suas vidas, sendo, muitas vezes, desalojados conforme o arbítrio dos

superiores, mas de outro, entre estes últimos e o vasto contingente de homens livres e pobres, definiram-se fortes laços de dependência e clientelismo. A instabilidade no uso da terra, o desvinculamento da ordem social estabelecida, a desnecessidade de suas existências “de favor”, a urgência de autodefesa e de proteção devida a seus chefes instalou a violência no cerne de suas relações. Em lugar das pequenas comunidades “atrasadas”, tradicionais, solidárias e harmoniosas, descritas pela antropologia, constituíram-se grupos competitivos, mutáveis, violentos.

O enlace entre favor, dinheiro e violência

Ambos esses aspectos registram-se nas regiões mais pobres das áreas rurais e urbanas. Persiste, tenaz, a atuação dos coronéis que armam suas milícias privadas como defesa de suas terras, que não hesitam no assassinato dos que ameaçam essa ordem de coisas — de juízes a posseiros. Continua resolutos o paternalismo das doações, com dinheiros públicos, com que as autoridades constituídas estabelecem escolas e serviços públicos, neles perpetuando seus nomes e correlato poder de família e exigindo a contrapartida em votos.

Forma exemplar desse tipo de dominação direta e pessoal, que passa por benéfica em vez de nefasta, cerceadora da autonomia da pessoa e de sua inserção na vida ética e, portanto, de sua capacidade de cidadania num regime republicano, é a instalação das formas assistenciais programadas pelo governo Lula. A elas, voltaremos.

IHU On-Line - Pensa que a corrupção em nossa política é um reflexo desse passado?

Maria Sylvia de Carvalho Franco -

Você me pergunta se a atual corrupção está relacionada com as técnicas de controle social e com as práticas políticas geradas no sistema socioeconômico fundado, ao mesmo tempo, na racionalidade capitalista e nos vínculos pessoais. Infelizmente as práticas que documentei e analisei para o século XIX continuam vigentes. O enlace entre favor, dinheiro e violência, intrínsecas às formas de relações expostas em *Homens Livres* continuam fundantes em muitas esferas da vida brasileira atual, recebendo novas tintas, sobrepostas às relações tradicionais entre oligarcas, chefes políticos, coronéis, fazendeiros, parentelas, capangas e clientes.

Basta lembrar os bilhões mobilizados para favorecer os grandes bancos e seus clientes vorazes com juros estratosféricos, para acolitar grupos nas concessões públicas e nas privatizações lesivas ao patrimônio e serviços estatais e, recentemente, para permitir o aparelhamento de um partido ávido de poder e que, para tanto, engrenou as “negociações” de recursos por agenciadores, membros do Executivo e Parlamentares, em vários níveis, traficando prestígio, votos, influências, verbas, dinheiro vivo, entre “companheiros”, palavra carregada de conotações afetivas reestruturadas e inseridas em condutas racionais em relação a fins, isto é, visando à dominação política. Um exemplo no varejo: a chamada “República de Ribeirão Preto”, formada por um grupo de amigos, ex-assessores ou atuais colaboradores do Ministro Palocci, que se congregam — chegaram a alugar casa juntos em Brasília — para

conseguir vantagens pessoais imediatas ou reter posições de mando.

Tecnologia a serviço do paternalismo

Em mais larga escala, a tecnologia mais moderna aparelhou os braços do partido no governo até os mais longínquos grotões a fim de estabelecer uma política paternalista, exploradora da pobreza, como os referidos programas de bolsa-família, de pequeno crédito, de empréstimo preferencial a aposentados, atos que se destinam a favorecer o moderníssimo sistema financeiro. A chamada reforma da previdência, em detrimento de trabalhadores que perderam direitos, em prol de bancos e fundos de pensão (estes agora na mira da Justiça e das CPIs) mostra a simbiose entre interesses de grupos e governantes. Aliás, essa forma “arcaica” de exercício do poder, com todas as suas seqüelas, está encarnada no “moderno” Lula, pai do povo turbinado a propaganda e pretenso inovador da ordem social.

Enquanto se tece a trama do poder, comercializando favores, dinheiros, influências e alianças, uma dominação arbitrária aflige o País: acúmulo do desemprego, arrocho de rendimentos, derrama de impostos e farisaico vilipêndio — eludido nos discursos oficiais, como se o contrário fosse verdadeiro — da moradia, da educação, da saúde, do alimento. Em todos esses planos, ressalta a promiscuidade entre interesses particulares e fins do Estado, cujo aparato burocrático, repressivo e econômico é posto a serviço de pessoas e grupos preferenciais, repetindo velhas condutas arraigadas, sem renovadas e eficientes.

Mistura entre público e privado resulta em corrupção

Deve-se notar, porém, que não se trata de uma sobrevivência cultural, de um *ethos* que subsistiu no éter da cultura.

Reside no atual sistema econômico e na estratégia política, na apropriação pessoal ou partidária de recursos do povo consubstanciados no *superavit primário*, destinado a “honrar” as dívidas), confiados aos governantes em virtude do cargo, a mais formidável corrupção, aberta e legalizada. As demais, maiores ou menores, são resultados. As corrupções que testemunhamos é, pois, historicamente definido nas condições presentes, as quais encontraram, porém, solo fértil em nossa ética política, afeita à mistura entre público e privado e pródiga nas correlatas vantagens. As condutas fraudulentas, porém, não são apenas “domésticas”. Na Alemanha, avaliada como uma das nações menos corruptas, proxenetismo, propinas e subornos mesclam-se ao suborno de líderes sindicais, obsequiados com férias e prostitutas em troca de apoio trabalhista nos cortes de custos das empresas. Num caso, a investigação atingiu alto executivo da indústria, ao mesmo tempo assessor do governo, em plano de reforma econômica que afrontou a classe operária alemã. Esse funcionário demitiu-se negando as acusações. Como noticiaram os jornais, tratava-se da Volkswagen e um de seus então líderes sindicais, agraciados com favores dispendiosos, é nosso atual Ministro do Trabalho.

IHU On-Line - Sociologicamente, quais as marcas deixadas pela escravidão no Brasil?

Maria Sílvia de Carvalho Franco - No meu entender — e esse é o fulcro do livro que vamos considerar — a escravidão não constitui uma entidade autônoma, não se podendo, a rigor, falar em “escravismo” ou em “sistema escravista”. A tese de que parti é que o cativeiro é uma forma de organização do trabalho que se inscreveu,

historicamente, em diferentes formações sociais. A moderna escravidão colonial (diversa da escravidão antiga grega ou romana, por exemplo, diferenças que não posso, aqui, explicitar) surgiu no bojo da formação do sistema capitalista, como resposta à crescente demanda da mão-de-obra necessária ao aumento de produção requerida pelo mercado europeu, que se expandia com o desenvolvimento do trabalho livre. Escravo e proletário, na época moderna, constituíram-se, contraditória e articuladamente, à distância.

Ao tratar desse problema, quando escrevi *Homens Livres*, meu objeto era o século XVI e a colonização portuguesa, verificando-se, na documentação, a multiplicação dos engenhos de açúcar, a tecnologia estável e a ampliação da mão-de-obra, obtendo-se o almejado *aumento de produção*. Estava claro que escravidão não era incompatível com capitalismo: a primeira era gestada em resposta ao segundo. Um dos argumentos da tese contrária, de que a escravidão era “contraditória” (dizia-se, equivocadamente, inclusive do ponto de vista conceitual) com capitalismo por ser estacionária, imprópria para ajustar-se ao dinamismo do capital. A congruência entre escravidão moderna e capitalismo ressurgiu em estudos posteriores, que focalizam épocas mais recentes, detectando a chamada “segunda escravidão”, no momento em que houve mudança apreciável na produção açucareira, ocorrendo pesados investimentos tecnológicos: nesse passo, o trabalho escravo aparece ligado a mudanças na composição orgânica do capital.

Com este pano de fundo, em consequência, não se podem atribuir à escravidão as mazelas que afligem as populações pobres brasileiras. A miséria, a tecnologia rudimentar, a falta de instrução mínima para o exercício da

cidadania, a desigualdade gritante, as deficiências alimentares e de saúde atingem a todos, amplamente, homens livres ou descendentes de escravos. Não é a escravidão que deixou “sobrevivências” culturais, mas o sistema que a reeditou nos tempos modernos é que gerou formas de dominação econômica e social totalmente impiedosas.

IHU On-Line - Por que é importante analisar as obras clássicas brasileiras? Elas podem ajudar a compreender o Brasil de hoje?

Maria Sylvia de Carvalho Franco - Nunca entendo o que significa “obra clássica”. Seria um trabalho compreendido no passado, obra já antiga, conteúdo que parece conotado por sua frase “que ajuda a compreender a atualidade?”. Ou seria uma obra cujo *objeto* está referido ao passado? Nesse último caso, toda a historiografia — desde Heródoto¹⁶ — cabe nessa rubrica. A questão se coloca em outros termos, a meu ver.

O pensamento ou vale ou não vale: posições teóricas rigorosas e análises concretas pertinentes são atemporais. Tomo exemplos extremos, no mais elevado nível da cultura ocidental: o tratamento dado por Platão, dos processos de mudança que levam, na democracia corrompida, à tirania não poderia ser mais atual para o mundo de

¹⁶ **Heródoto de Halicarnasso** (420 a. C. – 485 a. C.): historiador grego, autor da história da invasão persa da Grécia nos princípios do século V a. C., conhecida simplesmente como *As histórias de Heródoto*. Esta obra foi reconhecida como uma nova forma de literatura pouco depois de ser publicada. Heródoto foi o primeiro não só a gravar o passado, mas também a considerá-lo um problema filosófico ou um projeto de pesquisa que podia revelar conhecimento do comportamento humano. A sua criação deu-lhe o título de “pai da História”. (Nota da *IHU On-Line*)

agora; as análises de Tucídides¹⁷ sobre o movimento infinito de expansão imperialista e a tragédia engendrada pela guerra decorrente estão à flor de nossos tempos. No meu entender, o termo “clássico” deveria ser reservado como denotativo do mundo grego e romano e não como um qualificativo aplicável a diferentes produções culturais. Os universitários de língua inglesa estão certos nesse ponto: os estudos dessas culturas não se fragmentam por vários setores (Filosofia, Literatura, Ciências, etc.), mas reúnem-se em uma mesma unidade, que engloba todos os estudiosos, o departamento de *classics*.

¹⁷ **Tucídides** (460 a. C. – 400 a. C.): historiador grego, autor de *História da Guerra do Peloponeso*, em que ele conta a guerra entre Esparta e Atenas, ocorrida no século V A. C. Esta obra é vista no mundo inteiro como um clássico, e representa a primeira de seu estilo. No dia 29 de maio de 2003, durante a segunda edição do evento **Abrindo o Livro**, promovido pelo IHU, a obra *História da Guerra do Peloponeso* foi apresentada pelo Prof. Dr. Anderson Zalewski Vargas, da Pós-Graduação em História da UFRGS. *IHU On-Line* entrevistou o historiador a respeito da obra apresentada na 62ª edição, de 2 de junho de 2003. (Nota da *IHU On-Line*)

A evolução política do Brasil em Caio Prado Júnior

Entrevista com Paulo Martinez

O historiador Paulo Martinez aborda, na entrevista que segue, o pensamento do historiador e político marxista Caio Prado Júnior (1907-1990), cuja obra é considerada, até nossos dias, um marco na historiografia brasileira. Martinez é graduado em História pela USP e doutor em História Social pela mesma instituição com a tese **Dinâmica de um pensamento crítico: Caio Prado Júnior (1928-1935)**. Atualmente, leciona na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), na Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Departamento de História. De sua produção bibliográfica, destacamos **Sete ensaios sobre o Collège de France**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001, organizado em parceria com A. M. Catani e **Florestan ou o sentido das Coisas**. São Paulo: Boitempo/Centro Universitário Maria Antonia, USP, 1998, também organizado por Martinez. Sobre Caio Prado Júnior a **IHU On-Line** publicou uma entrevista na 70ª edição, com a Prof.ª MS Márcia Eckert Miranda, da Unisinos, falando sobre o livro **Formação do Brasil Contemporâneo**, discutido no **I Ciclo de Estudos sobre o Brasil**, em 14 de agosto de 2003. A entrevista, a seguir foi concedida por telefone.

IHU On-Line - Quais os principais tópicos da sua tese *A dinâmica de um pensamento crítico: Caio Prado Júnior (1928-1935)*? Qual o motivo do recorte de tempo escolhido?

Paulo Martinez - Esse período corresponde ao período de definição de interesses e da formação do período político e historiográfico de Caio Prado Júnior. Por isso, a necessidade e o meu interesse pessoal em conhecer esse processo de cristalização de uma visão crítica da sociedade brasileira e das alternativas políticas possíveis para a reforma dessa sociedade. Os principais tópicos foram o processo de formação cultural, a atmosfera social, política e cultural da década de 1920 no Brasil e como eles marcaram as questões, temas

e problemas que interessavam Caio Prado Júnior. Aqui temos vários itens: o Movimento Modernista na cultura, o Movimento Tenentista na política, a contestação militar à ordem republicana, a expansão do movimento operário e sua organização em torno do Partido Comunista (PC). Essas vertentes de crítica da sociedade brasileira são muito presentes nos anos 1920. A minha preocupação era conhecer como essas cicatrizes culturais marcaram o pensamento de Caio Prado Júnior. Esse foi o item da formação - Caio Prado como um homem do seu tempo, formado nos anos 1920-30. No segundo item, houve uma discussão sobre o conhecimento do pensamento político e historiográfico de Caio Prado Júnior,

sobre como ele, através do estudo da História, explicava a situação política do Brasil dos anos 1930. Essa explicação e esforço de compreensão foram traduzidos na redação de um pequeno folheto chamado *Evolução política do Brasil*, publicado em 1933. Esse ensaio histórico-político condensava uma visão de mundo do Caio Prado Júnior no início dos anos 1930. Qual é a importância desse livro cujos temas tratados serão abordados pela obra posterior do autor até o final de sua vida? É como se esse livro fosse uma espécie de programa de intenções de pesquisa, debate e questionamento e estudos que ele vai desenvolvendo ao longo de outros trabalhos, como, por exemplo, em *A formação do Brasil contemporâneo*, na *História econômica do Brasil*, depois na *Revolução Brasileira* e nos *Ensaio sobre a questão agrária no Brasil*. Desse modo, esse segundo item tratou sobre a articulação entre História e análise política da realidade brasileira.

Rotação de perspectivas

Num terceiro momento, aconteceu o que eu chamei de rotação de perspectivas na orientação dessa visão de mundo, porque Caio Prado Júnior, por sua posição social, era membro de uma família destacada na vida política brasileira, uma família com uma presença muito grande na atividade econômica no Brasil, com a cafeicultura, imigração, atividades empresariais, ou seja, ele vinha do *top* da pirâmide social brasileira. Ao longo dos anos 1930, depois da Revolução, Caio muda de perspectiva porque passa a ver a sociedade brasileira não mais do *top* da pirâmide social, mas de baixo, observando a conformação das classes sociais, o Estado brasileiro, a dinâmica política do País, as potencialidades econômicas e o aproveitamento ou não dessas potencialidades, num programa

de reforma sistemática com vistas à democratização da sociedade brasileira. Essa mudança de visão foi operada com base em uma variável bastante característica dos anos 1930 que foi fundamentalmente a militância na Aliança Nacional Libertadora (ANL), em 1935. Entre 1934-1935, Caio Prado Júnior frequentou o curso de História e Geografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, que havia sido criado em 1934, mas ele não concluiu o curso porque foi preso em 1935. Entretanto, nesse um ano e meio em que ele frequentou as aulas, ele conviveu com os professores da “missão francesa”, como Fernand Braudel¹⁸ (historiador), Claude Lévi-Strauss¹⁹ e Paul Bastide (sociólogos), Pierre Monbain e Pierre de Fontain (geógrafos). Ele vai ter uma relação mais próxima intelectual e pessoalmente com Braudel e os geógrafos, sobretudo estes.

Essa experiência política nova, de uma frente política de reforma da sociedade brasileira, que era a ANL, a participação nos cursos da Faculdade de Filosofia com o aporte cultural das ciências

¹⁸ Ver nota de rodapé anteriormente publicada na presente edição sobre este autor. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁹ **Lévi-Strauss**: antropólogo belga nascido em Bruxelas, que dedicou sua vida à elaboração de modelos baseados na lingüística estrutural, na teoria da informação e na cibernética para interpretar as culturas, que considerava como sistemas de comunicação, dando contribuições fundamentais para o progresso da antropologia social. Sua obra teve grande repercussão e transformou, de maneira radical, o estudo das ciências sociais, mesmo provocando reações exacerbadas nos setores ligados principalmente à tradição humanista, evolucionista e marxista. Ganhou renome internacional com o livro *Les Structures élémentaires de la parenté* (1949). Em 1935, Lévi-Strauss veio ao Brasil para ensinar sociologia na USP. Interessado em etnologia realizou um trabalho de pesquisa em aldeias indígenas do Mato Grosso. A experiência foi sistematizada no livro *Tristes Trópicos*, publicado em 1955 e considerado um dos mais importantes livros do século XX. (Nota da *IHU On-Line*)

sociais francesas, e aqui vale a pena destacar que a concepção historiográfica que Braudel dá, gestada nos anos 1930, foi beneficiada por essa experiência, pela passagem dele aqui pelo Brasil e, graças a essa interlocução com jovens intelectuais brasileiros. Foi o caso de Caio Prado Júnior e de João Cruz Costa, estudante de Filosofia, de Eurípedes Simões de Paula, estudante no curso de História e depois professor na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, do professor Eduardo de Oliveira França, também dessa primeira turma de estudantes da USP que absorveu, neste diálogo com os professores franceses, métodos e técnicas de pesquisa em Ciências Sociais e História que proporcionaram para a historiografia brasileira, e no caso específico de Caio Prado, embora não seja isolada, mas sim emblemática, carreiras de historiadores profissionais.

Visão abrangente da trajetória histórica brasileira

Caio Prado foi um historiador desvinculado da universidade. Esses intelectuais pensaram a sociedade brasileira, a realidade econômica e política do País recorrendo a essas técnicas e métodos de investigação em história e, no caso de Caio Prado, combinando essa formação universitária, ainda que incompleta, com o materialismo histórico, o marxismo. Esses componentes deram uma coloração muito peculiar à obra de Caio Prado, principalmente nos trabalhos do período, que são *História econômica do Brasil*, publicado em 1945, e *Formação do Brasil contemporâneo*, publicado em 1942. Esses dois livros são resultado dessa experiência de meados da década de 1930.

Foram estas três frentes de trabalho que a pesquisa realizou: o levantamento da formação intelectual e política nos anos

1920, sobretudo na faculdade de Direito de São Paulo, depois o esforço de articulação entre análise histórica e política (quando ele recorre ao marxismo), e uma terceira frente de análise na consolidação dessa nova perspectiva histórico-política da sociedade brasileira com base na experiência dos anos 1930, principalmente depois da publicação de *A evolução política do Brasil*, que é essa passagem pela Faculdade de Filosofia, pela militância na ANL, pelo vínculo com os artistas do Clube dos Artistas Modernos, organizado no início dos anos 1930. Tudo se consolidou numa visão original e abrangente da trajetória histórica da sociedade brasileira.

IHU On-Line - O que é mais característico na obra de Caio Prado Jr. interpretar o Brasil?

Paulo Martinez - É a atenção que ele dedica às singularidades da sociedade brasileira, o que ela tem de específico. O grande mérito da obra de Caio Prado Júnior, mas não só dele, e também de outros autores dos anos 1930, sobretudo, como Sérgio Buarque e Gilberto Freyre, é a combinação de uma perspectiva geral, universal que não anula a especificidade da sociedade brasileira. Esse ponto de equilíbrio entre o local, nacional e o universal é que dá uma força muito grande a esses autores e, claro, acontece isso também com a obra de Caio Prado. Esse é um traço distintivo fundamental para entendermos seu pensamento.

IHU On-Line - Como o marxismo aparece mais na obra de Caio Prado Jr.?

Paulo Martinez - Ele aparece de forma difusa. No primeiro livro que ele publica, *Evolução política no Brasil*, sua reivindicação aos procedimentos metodológicos do materialismo histórico é aberta. Ele proclama essa intenção de

rever a história do Brasil à luz dos procedimentos metodológicos do materialismo histórico e ele faz isso, efetivamente, por causa da leitura que ele fez dos textos de Marx. Em *Evolução Política no Brasil*, o texto de Marx latente que orienta a interpretação histórica é o *18 Brumário*, de Luís Bonaparte. Nos trabalhos posteriores, essa marca do materialismo histórico dilui-se em função da experiência que ele tem na USP, porque lá ele combina, de uma forma muito original, o materialismo histórico com os procedimentos metodológicos da historiografia francesa, particularmente aquela interpretação que está sendo construída por Fernand Braudel.

Rótulo de materialista histórico veio da militância política

Caio Prado ficou com essa marca de ser um autor marxista, e ele é, mas essa capa, essa moldura do materialismo histórico, acredito que tenha sido reforçada pela sua militância política, talvez a principal responsável de sua identificação com o movimento comunista e com o marxismo. No caso da interpretação histórica, do pensamento histórico político de Caio Prado Júnior, o materialismo histórico é, sem dúvida, a principal referência, mas ele tem um diálogo com a historiografia francesa muito instigante e que responde pela originalidade do livro *Formação do Brasil contemporâneo*. Enquanto *Evolução política do Brasil* é um livro abertamente ancorado no materialismo histórico, *Formação do Brasil contemporâneo* é fortemente marcado pela concepção historiográfica que está sendo gestada na França desde a criação da revista *Annales*²⁰.

²⁰ Criada com a revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale* (Anais de História Econômica e Social) -fundada na França em 1929 pelos historiadores Lucien Febvre e Marc Bloch-, a

Essa distinção entre o livro de 1933 e o de 1942 é importante para marcar como o pensamento é dinâmico, porque incorpora outras contribuições ao longo da vida do autor, e é crítico, porque essa incorporação é feita sempre na perspectiva de melhor compreender e ir mais a fundo no tratamento dos problemas e na explicação da realidade brasileira.

IHU On-Line - Como se dá, nos livros de Caio Prado Jr., a relação entre marxismo e ciência?

Paulo Martinez - Essa identificação entre marxismo e ciência foi superdimensionada pelo movimento comunista internacional. Era parte da estratégia política da União Soviética e de seus aliados um fortalecimento do marxismo como corrente de opinião política e como metodologia, teoria explicativa da sociedade capitalista. Essa valorização política teve, na atribuição de um poder científico do marxismo muito acentuado, um instrumento de fortalecimento político do marxismo. Por um lado, isso deu certo, porque, ao atribuir um estatuto científico ao marxismo, ele de fato gozou de prestígio maior, alcançou instituições, autores e publicações para além do movimento comunista. Por outro lado, essa cientifização do marxismo foi responsável também, em larga medida, pelo empobrecimento crítico do materialismo histórico e da economia política, porque ao tomar muitas vezes as análises de Marx, Engels e Lênin

Nova História se opõe à historiografia tradicional - que considera positivista e patriótica- e defende a necessidade de a história passar a se servir das ferramentas de outras ciências (como sociologia, antropologia e psicanálise) e tratar menos dos grandes acontecimentos e heróis. Nesse sentido, a historiografia, para a Nova História, deve voltar-se para o estudo do homem e seu contexto, de que são exemplo a história do cotidiano e a das mentalidades. (Nota da *IHU On-Line*)

como estatutos de verdade de valor universal, de possibilidade de generalização para diversas formações econômico-sociais, esse marxismo se empobreceu. Isso porque não atentava para as especificidades, peculiaridades das sociedades na América Latina, África, Ásia e da própria Europa. Já nos anos 1920, na Europa, nós temos um pensamento, como por exemplo, de Antônio Gramsci, que relativiza esse alcance científico valorizando a História, chamando a atenção para a necessidade de colocar esses fundamentos teóricos e metodológicos à prova pela investigação histórica.

Somente com investigação histórica concreta seria possível validar, aprimorar, complementar e, até, abandonar postulados desse marxismo oficial soviético que aspirava à condição de ciência e, portanto, de valor absoluto, incontestável e inevitável. Isso porque, em larga medida, esse estatuto legitimava uma ação política interna do movimento comunista e da União Soviética, cristalizando a idéia de que tal conduta política era não só a única possível, a melhor, mais adequada, como inevitável. Na medida em que isso acontece, a História fica petrificada. Esse marxismo oficial, soviético, cientificista, na linguagem dos críticos, era chamado de marxismo vulgar, porque empobrece a compreensão da realidade.

Alguns autores que trabalhavam com o marxismo, como Caio Prado, Gramsci²¹, José Carlos Mariátegui, no Peru, escapam desse rol cientificista do

marxismo, porque valorizam muito o estudo da experiência histórica concreta das suas respectivas sociedades. Ao fazerem isso, eles flexibilizavam e enriqueciam o próprio marxismo. Então, essa relação marxismo - ciência tem muitas mediações que precisam ser consideradas, porque senão, em nome da ciência, acontece de uma ideologia política se fazer passar por pensamento crítico, e pensamento crítico é, necessariamente, antiideológico.

IHU On-Line - O que marca a independência intelectual de Caio Prado Jr., mesmo considerando sua militância no PCB e seu posicionamento marxista?

Paulo Martinez - O compromisso com o conhecimento, a compreensão da realidade social, econômica e política do País. Ao colocar a compreensão como o primeiro passo necessário para a ação, Caio Prado Jr. escapava aos dogmas, fórmulas e linhas políticas estabelecidas pelos partidos, dirigentes e orientações teóricas oficiais. O que assegura essa independência política a Caio Prado é o compromisso de primeiro compreender para depois agir, e não submeter à compreensão, explicação da realidade a uma necessidade de ação específica e em nome da ação construir uma explicação para a realidade. Ele tem uma postura inversa. Ele parte do conhecimento para formular sua opinião política e desencadear suas ações, enquanto, no movimento político, por suas próprias características, o que prevalece é o objetivo da ação e tudo mais se submete a essa necessidade de ação. Aí está o motor da independência política dessa postura que é, antes de tudo, uma postura intelectual.

IHU On-Line - Como o conceito do "sentido da colonização", introduzido por Caio Prado Jr., ajuda

²¹ **Antonio Gramsci** (1891-1937): escritor e político italiano. Com Togliatti, criou o jornal *L'Ordine Nuovo*, em 1919. Secretário do Partido Comunista Italiano (1924), foi preso em 1926 e só foi libertado em 1937, dias antes de falecer. Nos seus *Cadernos do cárcere*, substituiu o conceito da ditadura do proletariado pela "hegemonia" do proletariado, dando ênfase à direção intelectual e moral em detrimento do domínio do Estado. (Nota da *IHU On-Line*)

a compreender o processo de formação do Brasil e o Brasil contemporâneo?

Paulo Martinez - Esse conceito ganhou grande relevância a partir dos anos 1960, depois sofreu muitas críticas nos anos 1970 e 1980. Acho que a realidade da globalização dos anos 1990 recolocou o sentido do conceito de colonização na pauta de trabalho para pensarmos a integração da economia mundial. Qual é o sentido desse conceito para Caio Prado Júnior? É um esforço de pensar, de forma articulada, a formação do capitalismo na Europa e a expansão colonial em direção às terras da América, do Novo Mundo. Ao pensar articuladamente capitalismo e colonização, Caio abriu uma vertente interpretativa da História do Brasil que até então não havia sido trabalhada em todas as suas potencialidades. E acho que é essa perspectiva de pensar a História do Brasil articulada à história do capitalismo mundial, inicialmente europeu, é que confere atualidade a esse conceito nos dias de hoje, e é estimulante pensar a realidade do século XXI, que é uma realidade de integração de espaços, de territórios, economias de várias partes do mundo numa dinâmica capitalista muito intensa. Essa é a validade do conceito hoje.

Do ponto de vista da historiografia, essa perspectiva do Caio Prado gerou desafios para a própria historiografia e que foram enfrentados por alguns autores. Aqui eu destacaria o professor Fernando Novais²², que escreveu o livro *Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial*, em que ele explora

²² **Fernando Novais**: historiador, professor aposentado do Departamento de História da USP. Sua especialidade é o estudo sobre o Brasil colonial. É autor de, entre outros, *Portugal e Brasil na Crise do Antigo Sistema Colonial (1777-1808)*, publicado pela Editora Hucitec. E é diretor da série "História da Vida Privada no Brasil", da Editora Companhia das Letras. (Nota da *IHU On-Line*)

muitos dos elementos embutidos no conceito do sentido da colonização, mas que não foram desenvolvidos pelo Caio Prado, porque ele tinha outro interesse no momento em que formulou o conceito. Fernando Novaes desdobra e aprofunda a interpretação do Caio Prado. Essa perspectiva foi, também, abraçada fora da História, na obra do sociólogo Florestan Fernandes²³, por exemplo, e de Octavio Ianni²⁴. Geógrafos como Milton Santos²⁵ e Aziz Ab'Saber²⁶

²³ O livro *A Revolução Burguesa no Brasil*, de Florestan Fernandes, foi apresentado no *I Ciclo de Estudos sobre o Brasil*, em 9 de outubro de 2003, pelo Prof. Dr. Carlos Águedo Nagel Paiva, da FEE, que concedeu uma entrevista sobre a obra e o autor ao *IHU On-Line* na 78ª edição, de 6 de outubro de 2003. (Nota do *IHU On-Line*)

²⁴ **Octávio Ianni**: sociólogo brasileiro e um dos fundadores do Cebap. Aposentado compulsoriamente, teve seus direitos políticos cassados pelo AI-5 em 1969. Somente voltou a lecionar no Brasil em 1977, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e na Unicamp. Em suas pesquisas, especializou-se na análise do populismo e do imperialismo. É autor de várias obras, entre as quais *Estado e capitalismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1965. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁵ **Milton Santos**: geógrafo, foi um dos pensadores brasileiros mais respeitados em sua área. Em 1994, ele recebeu o Prêmio Internacional de Geografia Vautrin Lud, na França, uma espécie de Nobel da Geografia. Santos exerceu boa parte da carreira acadêmica no exterior (França, Canadá, EUA, Peru, Venezuela etc.). Foi professor emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, tendo falecido em 2001. Santos publicou mais de 40 livros e 300 artigos em revistas especializadas. A Editora Unesp publicou o livro SANTOS, Milton. **1926-2001. Testamento Intelectual/Milton Santos**; entrevistado por Jesus de Paula Assis; colaboração de Maria Encarnação Sposito. São Paulo: UNESP, 2004. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁶ **Aziz Ab'Saber**: geógrafo, professor emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, autor de diversas teorias e projetos inovadores na geografia brasileira, tendo recebido o Prêmio Santista e o Prêmio Almirante Álvaro Alberto, oferecido pelo CNPq. Aziz Ab'Saber concedeu uma entrevista à *IHU On-Line* publicada na edição número 60, de 19 de maio de 2003. (Nota da *IHU On-Line*)

são leitores atentos de Caio Prado Jr. O sentido da colonização como conceito, teve grande importância na compreensão do passado brasileiro e fornece pistas para pensarmos o presente dessa sociedade, na medida em que está atento aos ritmos da economia capitalista mundial e do desenvolvimento do capitalismo no Brasil.

IHU On-Line - Em que sentido as idéias de Caio Prado Jr. podem elucidar questões no debate sobre a atual conjuntura política e econômica brasileira, após o sonho desmoronado de um governo de “esquerda” no poder? Se estivesse vivo hoje, o que ele poderia afirmar sobre a realidade do País?

Paulo Martinez - Raciocinando com Caio Prado Júnior, primeiro de tudo ele estaria muito insatisfeito em não ver os principais problemas do país sendo revertidos. Pensemos no processo de ocupação predatório, devastador na região Centro-Oeste e no Norte do País, e no projeto de transposição do Rio São Francisco²⁷, uma obra cara que vai beneficiar um segmento empresarial específico sem contemplar as reais necessidades da maioria da população daquela região do Nordeste. Pelo comportamento político e pelo pensamento que Caio Prado Júnior adotou e desenvolveu ao longo de sua vida, tendo a achar que esses seriam alguns exemplos que motivariam sua insatisfação. Eles também suscitarium a redação e elaboração de estudos, pesquisas, artigos e até livros sobre a realidade brasileira atual, pensando nesses problemas numa perspectiva histórica, que era uma das suas marcas

²⁷ O projeto de transposição do Rio São Francisco e a greve de fome de Frei Luiz Cappio, em protesto ao projeto, foram tema de capa da revista ***IHU On-Line*** na edição número 169, de 10 de outubro de 2005. (Nota da ***IHU On-Line***)

fortes, entendendo o momento político atual ao levar em consideração as experiências do passado e a compreensão dessa dinâmica entre passado e presente.

destaques da semana

análise de conjuntura pg. 28

livro da semana pg. 29

teologia pública pg. 32

memória pg. 39

filme da semana pg. 42

artigo da semana pg. 44

deu nos jornais pg. 53

frases da semana pg. 56

Análise de conjuntura

A ameaça é a política econômica

”O ciclo democratizador que se inaugura na luta contra a ditadura se esgotou. O melhor que produzimos foi isto aí, incapaz até de garantir segurança pública para as grandes maiorias condenadas a viver na pobreza. Precisamos voltar às bases, à cidadania ativa, ampliar o espaço público, a consciência dos direitos, a capacidade de intervenção política, para além dos momentos eleitorais. Faz-se necessário um grande movimento de idéias, cívico, civilizador, com portadores convencidos de seus sonhos e projetos, pautados pelos princípios e valores éticos da democracia. Tarefa árdua, longa e paciente, mas gratificante. Precisamos começar logo, tirando os olhos do Planalto e olhando mais para a Planície, onde vivemos.”

A análise é de Cândido Grzybowski, sociólogo, diretor-geral do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase) em artigo publicado no dia 17-11-05, no jornal *O Globo* e reproduzido nas notícias diárias do sítio do IHU www.unisinos.br/ihu no dia 17/11/2005.

Confira, a seguir, o artigo

Vivemos um momento em que são claros os sinais de esgotamento do ciclo democratizador, iniciado com as lutas antiditadura militar nos anos 1970, a Anistia Política, os novos partidos, as Diretas Já, a Nova República, a Constituição de 1988, as eleições de 1989, o *impeachment* de Collor, os oito anos de governo FHC e agora o governo Lula. O País foi mudando, talvez não segundo sonhos, desejos e projetos de todas aquelas forças heterogêneas que impulsionaram o processo da democracia brasileira. Crescemos em número e já beiramos os 200 milhões. Continuamos, decerto, campeões em desigualdade social e injustiça. Mas, o que não deixa de ser uma importante transformação, somos mais conscientes dessas mazelas. Temos mais percepção

de direitos de cidadania e o quanto estes ainda não são universais. Enfim, há democracia, sem dúvida, mas esta vem perdendo fôlego, capacidade de mudança de estruturas, relações, práticas, processos e políticas.

O sentido último da democracia é criar, pela via política, condições para que os direitos civis e políticos, econômicos, sociais, culturais e ambientais sejam a referência para a sociedade e para que, de forma sustentável, se desenvolvam estruturas e relações capazes de incluir a todo(a)s. Ao longo das últimas décadas, avançamos na moldagem de um Estado de Direito. Mas esta tarefa está inconclusa, ficou a meio caminho e, hoje, perde capacidade de avançar, perigosamente engolida pelas

contradições autoritárias e excludentes das instituições e políticas que construímos ao longo do tempo. Precisamos encarar as coisas como são, sem medo: até aqui, ainda não se alterou a lógica excludente em que se assentam a sociedade, a economia, o próprio Estado. A delegação que a cidadania faz, elegendo seus representantes e governantes, facilmente se transforma em apropriação dos mandatos pelo(a)s eleito(a)s segundo conveniências políticas e interesses pessoais, sem nenhuma ética e sem respeito a princípios democráticos. Governantes, uma vez empossados, desrespeitam programas que os elegeram e muito rapidamente se compõem com os grupos e as forças que controlam com mão-de-ferro as riquezas do País. A verdadeira política não se faz onde deveria ser feita, nos parlamentos. Ela se faz a portas fechadas, nos Conselhos Monetários do Banco Central e em acordos financeiros e comerciais, nacionais ou não, que não precisam de ratificação das instâncias políticas representativas. A democracia brasileira pode acabar ou virar simplesmente um rito formal. A crise atual mostra de forma exemplar os impasses da democracia até aqui praticada seus princípios e valores éticos

não estão no centro do poder estatal. Mas ousar dizer que o maior atentado ético e ameaça ao regime democrático é a própria política econômica, a vergonhosa transferência de recursos públicos para o pagamento da dívida pública de origem duvidosa, a retomada de um desenvolvimentismo predador de recursos naturais, a falta de prioridade na concessão de recursos para programas e políticas de inclusão social massiva (para além da emergência).

O ciclo democratizador que se inaugura na luta contra a ditadura se esgotou. O melhor que produzimos foi isto aí, incapaz até de garantir segurança pública para as grandes maiorias condenadas a viver na pobreza. Precisamos voltar às bases, à cidadania ativa, ampliar o espaço público, a consciência dos direitos, a capacidade de intervenção política, para além dos momentos eleitorais. Faz-se necessário um grande movimento de idéias, cívico, civilizador, com portadores convencidos de seus sonhos e projetos, pautados pelos princípios e valores éticos da democracia. Tarefa árdua, longa e paciente, mas gratificante. Precisamos começar logo, tirando os olhos do Planalto e olhando mais para a Planície, onde vivemos.”

Livro da semana

Ricardo Benzaquen de Araújo. *Guerra e Paz*. São Paulo: Editora 34. 1994. 2005, 2ª. edição

O comentário que segue, sobre o livro que destacamos nesta edição, é de Lília Moritz Schwarcz, professora do Departamento de Antropologia da USP, autora de, entre outros, *As Barbas do Imperador* (São Paulo: Companhia das Letras, 1999). Ele foi publicado no jornal O *Estado de S. Paulo*, 20-11-05.

Gilberto Freyre, sem receitas prontas

Gilberto Freyre não é autor "para principiantes". Trata-se de intérprete dos mais comentados no País; um dos intelectuais brasileiros mais reconhecidos no exterior (a ponto de parecer uma súplica nacional); além de ser um autor de si próprio. A cada nova edição de *Casa Grande & Senzala*, Freyre defendia ou refazia suas posições, assim como advogava a novidade de sua interpretação.

Na mesma proporção e medida, foram surgindo análises sobre a obra de Freyre, que cobriram aspectos diversos da produção: o tema da cultura, da raça, da sexualidade ou da sociabilidade tropical, entre tantos outros. Mas dentro desse conjunto amplo, uma obra acabou por ocupar lugar especial, como se fosse um enigma difícil de desvendar. O livro *Guerra e Paz* (Editora 34, 216 págs.), de Ricardo Benzaquen de Araújo restou no mercado, como uma espécie de cult, desde sua primeira edição, datada de 1994.

A edição se esgotou, mas não a importância da interpretação de Benzaquen que, já no título alusivo, anunciava a elegância da tese: a obra de Freyre, dos anos 1930, poderia ser entendida a partir do uso constante de "antagonismos em equilíbrio": guerra e paz, conflito e acomodação, água e azeite. É esse luxo de antagonismos, esse luxo de excessos que marcaria a *hybris* dos trópicos; uma outra modernidade, que, diferente do modelo paulista (fundado na noção de progresso), anunciava uma civilização distinta, definida pela idéia de maleabilidade e acomodação. Aí está o argumento substantivo da obra de Benzaquen, onze anos depois saudada com uma merecida

reedição, que desnuda o talento de Freyre em aproximar antagonismos, sem reduzi-los.

Na primeira parte do livro de Benzaquen, *Casa Grande & Senzala* surge como ponto de partida e fonte de inspiração. Com tal obra Freyre armava todo um cenário de conversão, introduzindo a distinção entre raça e cultura. O objetivo não era de pouco fôlego, uma vez que Freyre pretendia combater toda a produção que até 1933 analisara a contribuição da raça negra para a formação da nacionalidade. Isto é, enquanto boa parte desses autores apostava na inviabilidade de um país formado por raças miscigenadas, já outra via no branqueamento, uma solução tipicamente brasileira e uma forma de redenção. De toda forma, tal herança era entendida de maneira negativa, assim como revelava a supremacia branca.

E Freyre inverteria os termos da equação ao reconhecer a contribuição do negro, do português, e em menor escala do índio, mas, acima de tudo, ao investir na arquitetura de uma sociedade híbrida, aonde teria ocorrido uma singular articulação de tradições. Tal interpretação, que destacava o efeito amálgama da nossa sociedade, foi também objeto de várias críticas que ora atentaram para uma suposta visão idílica de Freyre, ora para o uso da raça, ainda presente em suas análises. E aí está a novidade de *Guerra e Paz*, que, sem ter a pretensão de responder, lega ao leitor a reflexão.

Em primeiro lugar, ao invés da noção de paraíso harmonioso, Benzaquen reconhece em *Casa Grande & Senzala* a

convivência entre confraternização e violência; dois lados de uma mesma moeda. Por outro lado, sem se associar ao coro daqueles que pretendem desancar a obra de Freyre por conta do seu uso do conceito de raça, Benzaquen prefere investigar a noção neolamarckiana empregada no livro. Tal suposto afastava Freyre das idéias evolucionistas e implicava na aposta de que aqui não existiria um tipo físico unificado, mas antes polifônico, sincrético e, nesse sentido, "adaptado".

Além do mais, como mostra Benzaquen, Freyre não se referia apenas aos aspectos biológicos, mas buscava a própria constituição espiritual do povo; sua índole flexível, quase vulcânica, e marcada por três características: a mobilidade, a miscibilidade e a aclimatabilidade, depois condensadas na noção de plasticidade. Esse seria o legado dos trópicos, ou nos termos de Freyre, a nossa "civilização e sifilização". Aí estaria também o lugar dessa lógica de fusões, que acabava por adocicar o catolicismo, ou referendar um determinado desígnio ibérico, definido pela idéia de assimilação e plasticidade.

Oralidade

Mas, enquanto a primeira parte do livro se restringe à análise de *Casa Grande & Senzala*, já na segunda o argumento rebate em outras obras dos anos 1930, como *Nordeste e Sobrados e Mucambos*²⁸. Nelas, o analista descobre particularidades dadas pela introdução da noção de tempo, mudança e pela idéia da decadência, mas apreende também certas persistências, próprias à

obra de Freyre, esse intérprete e solista do Brasil.

Afinal, para esse autor o estilo não é apenas um detalhe. A oralidade é parte constituinte da leitura, de modo a transformar seus livros numa espécie de conversa entre amigos. No entanto, a oralidade é também objeto das obras de Freyre e Benzaquen mostra como interessa saber quem fala, como fala e quando fala. Por sinal, esse "semitom" oscila entre a celebração e a nostalgia, fazendo coro à tese do equilíbrio de antagonismos e a esse jogo entre guerra e paz. O crítico recupera, assim, "a gota de controvérsia" que constitui a obra de Freyre e a ambigüidade que a torna sempre atual.

Dizem que as obras importantes não se deixam aprisionar e, nesse sentido, *Guerra e Paz* é um bom par para o famoso legado de Gilberto Freyre. Há muitos ganhos na falta de acabamento da crítica de Benzaquen, que não permite encontrar resposta fácil ou uma teoria do tipo antidepressivo. Como diz Deleuze, "mais vale um punhado de dúvidas do que um bocado de certezas", e aqui não há receita pronta. Por isso mesmo, o melhor é seguir o cuidadoso raciocínio barroco de Ricardo Benzaquen, que muitas vezes faz com que se confundam criador e criatura. Também ele guarda um estilo freyreano e propõe uma espécie de bate-papo de chinelos, segredando seus percursos e caminhos. Tudo permite lembrar o bardo Guimarães Rosa que dizia que "o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia".

²⁸ O professor doutor Mario Maestri apresentou o livro *O Escravismo Colonial*, de Jacob Gorender no III Ciclo de Estudos sobre o Brasil, evento realizado dia 28 de abril de 2004, na Unisinos. É autor do *Cadernos IHU*, ano 3, nº 13 de 2005, *O Escravismo Colonial- A revolução Copernicana* de Jacob Gorender. (Nota da *IHU On-Line*).

Charles de Foucauld

No último domingo, Charles de Foucauld, o irmão Carlos, como é conhecido por seus admiradores, foi beatificado pelo Papa Bento XVI. A imprensa brasileira deu pouquíssimo destaque ao evento. Já o jornal francês *Le Monde*, 13-11-05, dedicou duas páginas para descrever a figura de Charles de Foucauld. O IHU repercutiu o acontecimento através de diversas entrevistas publicadas na *IHU On-Line* diária e reproduzida na *IHU On-Line* semanal. Publicamos, a seguir, trechos de uma biografia de Charles de Foucauld, de autoria do escritor e frade dominicano Frei Betto (disponível em http://alainet.org/active/show_text.php3?key=1407). Uma entrevista com padre Edson Damian, membro da Fraternidade Sacerdotal Jesus Cáritas, que segue a espiritualidade de Foucauld, aprofunda alguns aspectos da espiritualidade Foucauldiana.

Charles de Foucauld: 1858-1916

O homem que dá título a este artigo morreu assassinado na Argélia, em 1916. Tinha 58 anos de idade, era francês, fora oficial do Exército e comandara as tropas de ocupação na África. Descendente de família nobre, possuía hábitos refinados.

Aos 28 anos, converteu-se ao evangelho de Jesus. Ingressou num mosteiro trapista²⁹, em busca de oração e solidão. O conforto monástico o incomodou. O rigor das regras, a segurança de vida, a fartura da mesa, eram detalhes que o faziam sentir-se distante dos pobres e, portanto, do Jesus dos evangelhos. Insatisfeito, Foucauld abandonou a vida comunitária e empregou-se, como

servente, no convento das irmãs clarissas, em Nazaré. Queria mergulhar na vida oculta do jovem Jesus, sobre cujos anos pré-missionários nada se sabe, exceto o que sugerem uns poucos relatos de infância.

Mais tarde, Foucauld retornou à Argélia, disposto a testemunhar Cristo entre os muçulmanos. Como militar, levava submissão e repressão àquele povo. Agora, anunciava a salvação. Obcecado pela solidão e premido pela busca franciscana do anonimato, retirou-se para Tamanrasset, no centro do Saara, a fim de compartilhar da vida dos tuaregues, um povo nômade e pobre. O fundamentalismo arraigado de alguns grupos islâmicos ceifou-lhe a vida.

Monge sem convento, Charles de Foucauld pautou sua espiritualidade pelo seguimento radical de Jesus.

²⁹ Trapista: Religioso ou religiosa pertencente à ordem dos Cistercienses de Observância Estrita, ou Trapa. Foi fundada na Normandia, em 1664 (Nota da *IHU On-Line*).

Costumava justificar-se: Cristo ocupou de tal modo o último lugar, que isso ninguém consegue tirar dele.

Quase vinte anos depois de sua morte, Charles de Foucauld foi redescoberto por outro francês, René Voillaume. Nasceu a Fraternidade dos Irmãozinhos e Irmãzinhas de Foucauld e, na mesma linha espiritual, os Irmãozinhos do Evangelho, que hoje se espalham pelos cinco continentes. Há também a Fraternidade Leiga, integrada por aqueles que não fazem votos religiosos, mas abraçam a espiritualidade do místico francês, sobretudo no serviço anônimo aos mais pobres.

No Brasil, há irmãozinhos e irmãzinhas entre os índios Tapirapé, no Araguaia, e nas favelas do Rio, como metalúrgicos no ABC paulista e na periferia de João Pessoa, e em muitos outros lugares. Não costumam pregar, não dão cursos, nem se ordenam sacerdotes. Irradiam os valores evangélicos pelo testemunho de vida, a amizade, a integração com os núcleos populacionais nos quais vivem e trabalham. Todos meditam pelo menos uma hora por dia. Onde moram, há sempre uma capelinha na qual se recolhem em oração.

Um modelo de espiritualidade para o nosso tempo

Entrevista Edson Damian

Para falar sobre a trajetória de Charles de Foucauld e a importância de sua obra, conversamos com o padre Edson Damian, 57 anos, gaúcho, missionário na Diocese de Roraima há 7 anos e membro da Fraternidade Sacerdotal Jesus Carítas, que segue a espiritualidade de Foucauld.

Em uma longa entrevista, ele fez um resumo da vida de Foucauld, ressaltando sua contribuição e ajudando a tornar sua obra conhecida das novas gerações. A entrevista foi publicada nas notícias diárias da página eletrônica do IHU, www.unisinos.br/ihu no dia 17/11/2005.

IHU On-Line - Qual o significado e a importância da beatificação de Charles de Foucauld?

Edson Damian - Por meio da beatificação a Igreja reconhece a autenticidade do testemunho evangélico e as virtudes heróicas de Charles de Foucauld (chamado de irmão Carlos por seus admiradores) e apresenta seu itinerário espiritual como um modelo de espiritualidade para o nosso tempo. Vale

hoje o que ele mesmo afirmou a respeito dos companheiros do Céu: "Admiramos os santos para seguir Jesus". O centro da espiritualidade cristã é o seguimento de Jesus. O teólogo Yves Congar³⁰ afirmou que "Teresinha de

³⁰ **Yves Congar** (1904-1995): Teólogo francês conhecido por sua participação no Concílio Vaticano II. Foi elevado a cardeal pelo Papa João Paulo II, em 1994. É autor de uma vasta obra que foi importante nos trabalhos do Concílio Vaticano

Lisieux³¹ e Charles de Foucauld foram os grandes faróis do século XX". Louis Massignon³², amigo de infância, considera irmão Carlos "um místico em estado puro", um apaixonado de Jesus que "fez da religião um amor". Nele, fé e amor nunca existiram separados. O Espírito Santo sempre age de forma nova e criativa na história do mundo e da Igreja. Ele é livre para suscitar homens e mulheres que nos surpreendem pela radicalidade no seguimento de Jesus, na prática do Evangelho e suscitam novos impulsos e formas inesperadas de espiritualidade e evangelização. "Onde está o Espírito do Senhor, aí está a liberdade"(2 Cor 3,17).

Charles de Foucauld deixou-se conduzir pela liberdade e pela criatividade do espírito

O irmão deixou-se conduzir pelo vento da liberdade e da criatividade do espírito. Por isso seu carisma e testemunho nos surpreendem. De forma radical, ele convida a Igreja toda a "voltar ao Evangelho para encontrar Jesus", a seguir "Jesus, o Único Modelo" a buscar "o último lugar", a "gritar o

II. De sua obra citamos: *A Palavra e o Espírito*. São Paulo: Loyola, 1989; *Diálogos de Outono*. São Paulo: Loyola, 1990 e *Igreja e Papado*. São Paulo: Loyola, 1997. (Nota da *IHU On-Line*).

³¹ **Santa Teresa de Lisieux**: Santa Teresa do Menino Jesus e da Sagrada Face ou apenas Santa Teresinha, nasceu em 1873 em Alençon, na França. Filha de um relojoeiro e de uma artesã dedicou-se a vida religiosa assim como suas cinco irmãs. Aos 15 anos entrou para o convento das carmelitas, na cidade de Lisieux. Passou nove anos no convento vivendo intensamente a fé eclesial. Aos 23 anos descobriu que estava com tuberculose. Desejava ir como missionária para a Indochina, mas sua saúde debilitada estava não lhe permitiu. A santa dissera que uma chuva de rosas (bençãos) cairia sobre a Terra após a sua morte. Em 1906 a cura de um seminarista de Lisieux foi atribuído a ela e vários milagres seguiram-se. Foi beatificada em 1923 e canonizada em 1925. (Nota da *IHU On-Line*).

³² **Louis Massignon** (1883-1962): escritor e católico francês perito no islã. (Nota do *IHU On-Line*).

Evangelho com a vida", isto é, ir às raízes daquilo que faz com que uma existência seja realmente cristã e evangelizadora. Quando vivo, não conseguiu nenhum companheiro, embora o desejasse tanto! Depois de sua morte, a fecundidade do carisma de irmão Carlos inspira não somente novas fundações (onze congregações religiosas e oito associações de fiéis), mas também numerosos homens e mulheres que vivem, rezam, evangelizam seguindo suas pegadas nos cinco continentes! É próprio dos santos romper as fronteiras da graça. E a Igreja não pode senão se alegrar quando a novidade de Cristo e a verdade do Evangelho se irradiam além dos marcos habituais. Com a beatificação, irmão Carlos torna-se um presente de Deus para a renovação da Igreja. Num mundo que parece curvado diante do material, do conforto e do consumismo, ele significa uma resposta a esta fome e sede de espiritualidade que marca os nossos dias.

IHU On-Line - Que aspectos da vida de Charles de Foucauld o senhor sublinharia?

Edson Damian - Uma síntese biográfica nos ajuda a identificar os elementos-chaves de sua espiritualidade. Nasceu em Estrasburgo, na França, no dia 15 de setembro de 1858. Período marcado pelos desdobramentos da Revolução Francesa. Era ainda marcante a divisão entre vida civil e religião, entre culto e vida. Secularização e fé eram vistas como antagônicas. Órfão de pai e mãe desde os seis anos, foi educado pelos avós. Tornou-se introvertido e melancólico. Estudou com os jesuítas, fez a primeira comunhão, mas ao chegar à adolescência enveredou por um caminho de rebeldia e de libertinagem. Aconselhado pelo avô, ingressou num Regimento de Cavalaria da aristocracia francesa, mas foi expulso por

indisciplina. Com a morte do avô herdou uma pequena fortuna que esbanjou em festas e boemias.

O deserto e a religiosidade dos muçulmanos

Um fato começou a mudar sua vida: houve um levante na Argélia, e ele se apresentou como voluntário para acompanhar a expedição em defesa desta colônia francesa. O contato com o deserto, o impacto causado pela religiosidade dos muçulmanos despertou nele forte inquietação religiosa. "A visão dessa fé, dessas almas vivendo continuamente na presença de Deus, fez-me antever algo maior e mais verdadeiro que as ocupações mundanas". Compôs uma oração que repetia constantemente: "Deus, se existis, fazei com que eu vos encontre". Por conta própria decidiu realizar uma missão geográfica no Marrocos, país totalmente fechado aos ocidentais. Para tanto, estudou hebraico e árabe, tornou-se conhecedor da Bíblia e do Corão. Durante dois anos, percorreu 3.000 km disfarçado de judeu russo. Com base em sua observação perspicaz e anotações minuciosas, escreveu *Reconhecimento do Marrocos*, que lhe valeu o prêmio da Academia Francesa de Geografia.

Durante algum tempo, hesitou entre o islamismo e o cristianismo. O testemunho de fé e a amizade de sua prima, Marie de Bondy, o ajudaram muito. Quando lhe pediu que indicasse alguém para ter lições de catolicismo, ela o encaminhou ao Padre Huvelin³³, confessor da Igreja de Santo Agostinho, que já o tinha visto passar longas horas em silêncio dentro do recinto.

A figura de Jesus de Nazaré o marcou profundamente

³³ **Padre Huvelin:** Padre da igreja de Santo Agostinho, em Paris. (Nota da *IHU On-Line*)

Ao invés de uma aula, recebeu uma ordem: "Ajoelhe e confesse seus pecados". Em seguida, levou-o diante do altar e deu-lhe a Eucaristia. Deus existia e o tinha encontrado. Anos mais tarde, recordando aquele fim de outubro de 1886, escreve: "No momento em que descobri que havia um Deus, descobri também que não poderia viver senão só para Ele. Minha vocação religiosa nasceu no mesmo instante da minha conversão". Peregrinou à Palestina para conhecer a terra de Jesus. Nazaré, onde Jesus viveu durante trinta anos, marcou-o profundamente. Seu primeiro desejo foi buscar a forma de vida religiosa mais severa e exigente onde pudesse viver o absoluto de Deus na fidelidade ao seguimento de Jesus. Entrou na Trapa de Akbes, na Síria, onde permaneceu seis anos. Ao poucos, foi percebendo que o modo de viver e rezar dos monges se afastava dos pobres e do jeito de viver de Jesus de Nazaré. Mudou-se então para Nazaré. "Tenho sede de levar uma vida que entrevi, que adivinhei enquanto andava pelas ruas de Nazaré". Trabalhou dois anos como jardineiro num convento de irmãs clarissas. Dedicava-se a horas contínuas de adoração e de meditação silenciosa do evangelho.

Aos poucos, foi descobrindo que a verdadeira Nazaré não se situava na Palestina, mas onde viviam os mais pobres e abandonados. Lembrou-se do Marrocos e decidiu partir para o norte da África. Estudou teologia e foi ordenado presbítero para levar a Eucaristia aos pobres. "Compreendi que essa vida, que por vocação tinha levado em Nazaré, eu devia continuá-la longe da Terra Santa, no meio das almas mais enfermas, das ovelhas mais desamparadas do rebanho. O banquete divino do qual era ministro devia levá-lo não aos parentes e vizinhos ricos, mas aos mais aleijados, aos mais cegos, aos mais abandonados".

A viagem para a Argélia

Partiu para a Argélia, em 1901. Assim foi mergulhando na outra Nazaré, o lugar social e religioso escolhido por Jesus: a Nazaré discriminada do carpinteiro e dos pobres. "Meu Deus, não sei como é possível para alguém, ver-te pobre e continuar rico como antes... Quanto a mim, não posso conceber o amor sem a necessidade imperiosa de identificação, de semelhança e, sobretudo, de partilha de todos os sofrimentos, de todas as dificuldades, de todas as durezas da vida". Descreve desta forma o seu dia-a-dia: "Das 4h30 da manhã às 8h da noite não fico um minuto sem falar ou ver alguém: escravos, pobres, soldados, viajantes e curiosos". Disse que o dia mais feliz de sua vida foi quando chamaram sua casa de "fraternidade" e a ele de "irmão universal". Na busca dos mais pobres, Charles de Foucauld - agora Irmão Carlos de Jesus -, vai deixar seu conventinho de Beni-Abbès, mudando-se para Tamanrasset a fim de acompanhar os nômades tuaregues.

O ardor missionário cedeu lugar ao contemplativo que descobria o poder do exemplo silencioso. "Gritar o Evangelho de cima dos telhados, não com palavras, mas com a vida". Seu grande trabalho, além dessa inculturação, foi o estudo da língua e da cultura desse povo. Elaborou um dicionário, uma gramática e uma importante coletânea de poesias e contos tuaregues. Viveu o período histórico que precedeu a primeira guerra mundial. Acompanhou as tensões que movimentaram a colônia francesa na busca da independência.

Pobreza e despojamento

Para imitar Jesus, desejava morrer mártir: "Pensa que deves morrer mártir, despojado de tudo, estendido por terra, nu, irreconhecível, coberto de sangue e de feridas, violenta e dolorosamente

assassinado... e deseja que isso aconteça hoje mesmo. Para que eu te conceda esta graça infinita, sê fiel na constante vigília e em levar a cruz. Capacita-te de que é neste tipo de morte que deve verificar-se o desfecho de toda a tua vida. Toma consciência, assim, do pouco valor de tantas coisas. Pensa freqüentemente nessa morte, para te preparares para ela e dares às coisas o seu verdadeiro valor" (Retiro em Nazaré - 1897). "A semelhança é a medida do amor", costumava repetir.

No dia 1 de dezembro de 1916, numa emboscada de um grupo que resistia à ocupação francesa, foi assassinado com um tiro na cabeça, estendido na areia do deserto, perto das hóstias consagradas, igualmente espalhadas. O Bem-Amado Irmão e Senhor permaneceu ao lado do seu discípulo e servo fiel até o fim.

IHU On-Line - Quais as principais contribuições da obra de Foucauld e a sua importância?

Edson Damian - Todos os que salientam a novidade do testemunho de irmão Carlos, desde René Bazin³⁴, seu primeiro biógrafo, até Jacques Maritain³⁵, filósofo que se tornou irmãozinho de Jesus, passando por Paul Claudel³⁶ e muitos outros, insistem sobre o caráter radical de sua experiência de Deus.

³⁴ **René Bazin** (1853-1932): Romancista católico francês. (Nota da *IHU On-Line*).

³⁵ **Jacques Maritain** (1882-1973): filósofo francês. O pensamento tomista de Maritain serviu-lhe de parâmetro para a abordagem e julgamento de situações concretas como a política, a educação, a arte e a religião vigentes. Mas tratou também da base da gnosiologia, decidindo-se pelo realismo imediato e intuição do ser, tal como no aristotelismo e na escolástica originária. Diferenciou a filosofia e a ciência experimental, bem como as diversas ciências filosóficas. Advertiu para a diferença entre o tema da lógica e o da gnosiologia. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁶ **Paul Claudel** (1864-1955): Poeta e diplomata. Um dos maiores expoentes da literatura de sua geração. Foi embaixador da França no Brasil (Nota da *IHU On-Line*).

Fazem o mesmo também aqueles que assumem sua espiritualidade missionária: desde Madeleine Delbrel³⁷ a Jacques Loew³⁸, e de um modo especial os irmãozinhos e as irmãzinhas de Jesus que vivem no coração das massas, seguindo as orientações do irmãozinho René Voillaume e da irmãzinha Madalena de Jesus.

Desde o momento em que Charles de Foucauld foi laçado e conquistado por Jesus, sua vida permaneceu centrada no mistério do Absoluto de Deus em quem se abandonou perdidamente. "Meu Pai, a vós me abandono. Fazei de mim o que quiserdes. Estou pronto para tudo, aceito tudo. Entrego a minha vida em vossas mãos, com todo o amor do meu coração, sem medida, com infinita confiança".

Sua vida, marcada por extremos, passou por sucessivas conversões. "É preciso mudar muito para permanecer o mesmo", ensina-nos Dom Hélder Câmara³⁹. Semelhante a muitos jovens

de hoje, Charles perdeu a fé na adolescência e amargou o vazio e a solidão.

As mediações: o rosto humano de Deus

Reencontrou Jesus através da mediação dos muçulmanos, dos judeus que o protegeram, da prima Maria, do Pe. Huvelin, dos monges trapistas, das irmãs clarissas, dos pobres e tuaregues do Sahara que se tornaram também seus mestres. Entre Deus e nós, existe sempre a mediação humana. Sobretudo em Nazaré, descobriu a santa humanidade de Jesus, rosto humano de Deus e rosto divino do homem. Esta intuição foi tão bem expressa pela irmãzinha Madalena, fundadora das irmãzinhas de Jesus, que lhes dizia: "Sejam profundamente humanas, radicalmente cristãs para serem autênticas religiosas".

Num tempo em que a religiosidade orna-se de ruídos, balbúrdia de palavras e jogos de efeito, a espiritualidade foucauldiana é um contraponto para quem se sente mais evangélico no silêncio da oração ("rezar é frequentar Jesus"), na adoração silenciosa da Eucaristia, na busca do deserto ("é preciso ir ao deserto e nele permanecer para encontrar Deus"), no serviço aos pobres e na defesa da vida, no anonimato inspirado na vida oculta de Jesus em Nazaré. A busca da fama é incompatível com a busca de Deus, pois "Jesus escolheu de tal modo o último lugar que ninguém lhe poderá tomar".

Bem antes do Concílio Vaticano II, o irmão Carlos começava a praticar o que agora se chama de macroecumenismo.

³⁷ **Madeleine Delbrel** (1904-1964): Missionária francesa. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁸ **Jacques Loew**: Advogado francês que após uma crise religiosa decidiu se tornar sacerdote dominicano. Em 1940, foi fazer uma pesquisa sobre as condições de vida dos estivadores do porto de Marselha e descobriu uma grande miséria física e moral entre os portuários. Surpreende-se com a ausência de Deus e por isso decidiu compartilhar, em todos os aspectos, a vida daqueles trabalhadores. Tornou-se estivador assalariado e foi morar numa casa alugada. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁹ **Dom Hélder Câmara** (1909-1999): Arcebispo lembrado na história da Igreja Católica no Brasil e no mundo, como um grande defensor da paz e da justiça. Foi ordenado sacerdote aos 22 anos de idade, em 1931. Aos 55 anos, foi nomeado Arcebispo de Olinda e Recife. Assumiu a Arquidiocese em 12 de março de 1964, permanecendo neste cargo durante 20 anos. Na época em que tomou posse como Arcebispo em Pernambuco, o Brasil encontrava-se em pleno domínio da ditadura militar. Momento político este, que o tornou um líder contra o autoritarismo e os abusos aos direitos humanos, praticado pelos militares. Paralelamente às atividades religiosas, criou projetos e organizações pastorais, destinadas a atender às comunidades do Nordeste, que viviam

em situação de miséria. Dedicamos a editoria *Memória* da *IHU On-Line* número 125, de 29 de novembro de 2005, a Dom Helder Camara, publicando o artigo *Helder Camara: cartas do Concílio*. Na edição 157, de 26 de setembro de 2005, publicamos a entrevista *O Concílio, Dom Helder e a Igreja no Brasil*, realizada com Ernanne Pinheiro. (Nota da *IHU On-Line*)

"Estou aqui não para converter os tuaregues, mas para compreendê-los. Acredito que o Bom Deus acolherá no céu aqueles que forem bons e honestos. Os tuaregues são muçulmanos, mas Deus receberá a todos, se merecermos". Os tuaregues também rezavam por ele, para que pudesse ir ao céu, embora fosse cristão. Diante de tantos preconceitos raciais, culturais, religiosos e sociais que geram conflitos e exclusões em toda a parte, o Irmão Universal nos ensina que somos diferentes, mas profundamente iguais em dignidade e direitos. Precisamos aprender a dialogar sem julgar, sem impor, sem condenar.

A herança de Foucauld

Durante sua vida, o irmão Carlos, embora tanto desejasse, não teve companheiros que o acompanhassem. Após sua morte, surgiram vários grupos que se propõem a concretizar sua mensagem. Hoje são cerca de vinte agrupamentos: onze congregações religiosas e oito associações de fiéis, espalhados pelos cinco continentes. No Brasil, há: Fraternidade dos Irmãos de Jesus, Irmãos do Evangelho, Irmãzinhas de Jesus, Fraternidade Jesus Caritas, Associação Carlos de Foucauld, Fraternidade Sacerdotal Jesus Caritas (padres diocesanos), Fraternidade Secular, Fraternidade Missionária, Sodalício Carlos de Foucauld e Comunidade de Damasco. Os grupos se caracterizam pelo acolhimento fraterno, abertura para o outro, vida simples, compromisso com os excluídos, leitura orante da Bíblia, oração e adoração eucarística.

Entre nós, o bispo Dom Luiz Cappio, autêntico franciscano, se parece muito com o irmão Carlos. Há muitos anos, convive como missionário itinerante entre os pobres ribeirinhos do rio São Francisco, o Velho Chico. Conhece de perto a miséria e o abandono em que

vivem milhares de famílias. Tem consciência de que a transposição do rio beneficiará o agronegócio ou negócio dos grandes em prejuízo dos pequenos, sempre excluídos dos grandes projetos governamentais. Foi um milagre ter sido escolhido para ser bispo na atual conjuntura eclesial. A grave de fome foi um gesto profético que testemunha de forma indubitável a evangélica opção preferencial pelos pobres, irmanada com a defesa da vida do rio, fonte da vida do povo.

IHU On-Line - Charles de Foucauld tem o reconhecimento à altura de sua contribuição?

Edson Damian - A busca do último lugar, a inserção na periferia do mundo e a escolha de meios pobres, tanto da parte de irmão Carlos como dos herdeiros do seu carisma, não contribuíram muito para divulgar sua vida e sua obra. A comovedora cerimônia da beatificação, inclusive com a presença de uma delegação de tuaregues, certamente despertou em muitas pessoas o desejo de conhecer o caminho de espiritualidade agora proposto para toda a Igreja. Os seguidores/as desta espiritualidade, a partir de agora, talvez devam ser um pouco menos discretos a fim de partilhar com os interessados a caminhada das diversas fraternidades. Indico alguns livros que poderão ajudar muito: *Itinerário Espiritual de Charles de Foucauld*, de Jean François Six, *Fermento na Massa*, de René Voillaume e *Três Pioneiros do Futuro (João XXIII, Charles de Foucauld e Dom Oscar Romero)*, de Ludwig Kaufmann. As meditações bíblicas de Charles Foucauld foram publicadas em oito volumes. Além disso, há uma vasta e variada bibliografia sobre ele. Quanto bem continuará fazendo ao nosso tempo o testemunho e a espiritualidade de

Charles de Foucauld, irmão dos pobres e excluídos, místico e militante, totalmente entregue ao Pai e profundamente encarnado na vida do povo, ecumênico e interessado pela ciência e literatura. Em meio ao egoísmo, ao desperdício e

ao vazio em nossa sociedade, ele nos revela a paixão pelo absoluto de Deus e a felicidade de quem aprende com o coração de Cristo a dar a vida por amor aos irmãos.

Memória

Francisco Anselmo de Barros

Na casa grande onde morou por 30 anos, com pátio cheio de árvores e bichos, a viúva do ambientalista Francisco Anselmo de Barros, Iracema Sampaio, recebeu ontem a ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, com um almoço feito em panela de ferro. Marina foi dizer a Iracema que o governo está trabalhando para impedir a aprovação do projeto que autoriza a construção de usinas de álcool em áreas próximas do Pantanal, defendido pelo governador de Mato Grosso do Sul, Zeca do PT. A notícia é do jornal *O Estado de S. Paulo*, 16-11-05. Ouviu da viúva que o ambientalista, conhecido como Francelmo, festejou quando ela foi indicada para o Ministério e também que o marido fez o que achava necessário ao atear fogo ao próprio corpo em protesto, no sábado. Ele morreu no domingo. "Ele não pensou na gente quando tomou essa decisão. Se pensasse, atrapalhava. Fez o que achava que devia fazer para salvar esse pedaço da casa de Deus", disse Iracema, de 67 anos, casada por 32 anos com ele e mãe de três filhos adotivos. Ainda abalada, ela tenta entender. Afirmou que ele também não pensou em si, mas "numa

causa maior, mais justa". "A gente vai ter de aceitar."

Nas 16 cartas que deixou para família, amigos e imprensa, Francelmo mostrou que já sabia o impacto que sua atitude causaria - e poderia enterrar o projeto de construção das usinas. Depois de admitir que a decisão não tinha sido fácil, deixou instruções para seu enterro. "Faça o velório na capela 13, dá mais repercussão", disse na carta dirigida a Jorge Gonda, que, a seu pedido, deverá presidir a ONG fundada e presidida por ele, a Fundação para Conservação da Natureza de Mato Grosso do Sul.

Na noite antes de morrer, Francelmo não dormiu. Iracema conta que ele a fez dormir com a cabeça em seu ombro. Hoje, ela sabe, era uma despedida. Naquele dia, brincou: "Acho que vem mais uma lua-de-mel por aí."

Em carta aos amigos, Francelmo explica que foi difícil tomar a decisão "em sã consciência". Mas a defende: "Minha vida sempre foi um sacerdócio em defesa da natureza. Ela é a nossa casa e o presente maior de Deus. Se Ele deu a vida por nós, eu estou dando a vida por Ele, defendendo o futuro de nossos filhos. O mundo corre perigo e esta é a minha modesta contribuição", escreveu.

"Ele queria dar a vida"

Um depoimento sobre o ambientalista Francisco Anselmo

"É fácil enterrar como insensato o ambientalista Francisco Anselmo de Barros, que, no sábado, pôs fogo no corpo, depois de mais um protesto em Campo Grande contra as usinas de álcool que o governo de Mato Grosso do Sul quer plantar no Pantanal. Foi isso, pelo menos, que os jornais fizeram, como antes tinham feito com a greve de fome do bispo Luiz Cappio contra a transposição do Rio São Francisco". A opinião é do jornalista Marcos Sá Corrêa no artigo *A marcha da sensatez*, publicada no sítio *O Eco* www.oeco.com.br, 14-11-05

Segundo Marcos Sá, "os radicais são, por definição, insensatos. Difícil é definir a sensatez, quando ela incorpora o anarcodesenvolvimentismo da era Lula, cujos problemas ambientais sempre se resolvem a toques de eufemismo".

O jornalista escreve: "No caso do São Francisco, trocando transposição por integração ou revitalização, que vêm a dar no mesmo, mas soam muito melhor nas entrevistas. No das usinas, alegando que se trata de um projeto para o Alto Paraguai. Foi o que disseram os telejornais no fim de semana, noticiando o protesto do ambientalista".

Para o editor do sítio *O Eco*, "Alto Paraguai, que a maioria dos brasileiros mal sabe onde fica, tem a vantagem de jogar o debate para cima. Lá onde quase ninguém o enxerga. Mas se trata, na

prática, das cabeceiras do rio Paraguai, de onde vem a água que forma o Pantanal". Marcos Sá Corrêa cita o biólogo Russell Mittermeier, da *Conservation Internacional*: "Trata-se da única região da América do Sul que pode competir com as savanas da África oriental e meridional em termo de concentração de grandes pássaros, mamíferos e répteis visíveis".

Segundo o jornalista, Francisco Anselmo era calmo e conciliador e nunca levou a sério a conversa de que as destilarias do Pantanal seriam limpas. Ele cita o ambientalista que se imolou: "Nenhum técnico, nem empresa, nem o governo pode garantir que não haverá um desastre ambiental". "No sábado de manhã, escreve o jornalista, Francisco Anselmo participou de um protesto no calçadão da Rua Barão do Rio Branco, no centro de Campo Grande. Ao meio-dia, afastou-se do grupo, enrolou-se num cobertor embebido em gasolina, deitou-se num colchão igualmente empapado e se suicidou em silêncio. Deixou mulher, um filho de 12 anos, uma pequena empresa, que publicava a revista *Executivo Plus*, e 17 cartas explicando o suicídio".

Ele morreu no domingo. "Ele queria morrer mesmo, dar a vida pelo que lutou a vida inteira", disse no dia seguinte a viúva Iracema Sampaio.

"Em sua fala havia paixão, mas nunca fanatismo"

Um depoimento

"Há mais de 40 anos ele erguia sua bandeira ambientalista, fazia do tema sua ideologia, sua vida. Conheci-o há mais ou menos 25 anos. Até então, o meio ambiente para mim era apenas uma obviedade composta por árvores, água, calor, frio. Não via nada de mais na questão. Foi ele a primeira pessoa que me chamou a atenção para a fragilidade do ecossistema". O comentário é da jornalista Thereza Hilcar sobre Francisco Anselmo em artigo para o jornal do Mato Grosso do Sul, *Correio do Estado*, 15-11-05.

Segundo a jornalista, "Francisco Anselmo, carinhosamente chamado de Francelmo pelos amigos, escrevia artigos, publicava em sua revista, conversava com as pessoas sobre o assunto, cuidava da natureza a sua volta e não se descuidava do que estava distante. Em sua fala havia paixão, mas nunca fanatismo, que isto fique bem claro. Francelmo era um pacifista, discreto, ponderado, sem qualquer tipo de vaidade, mas de opiniões firmes. Principalmente quando o assunto era meio ambiente". "Sua mulher, a brava e lutadora Iracema Sampaio, - testemunha a jornalista - costumava brincar dizendo

que sua única rival era a natureza, tamanha dedicação do marido à questão".

Sobre o gesto do ambientalista, Thereza Hilcar escreve: "Levamos um susto, claro, quando soubemos que aquele homem simples, quieto, equilibrado, havia silenciosamente montado todo um esquema de se imolar, na tentativa derradeira de salvar o meio ambiente mais próximo, o Pantanal.

Muitos dos seus amigos e familiares estão até agora vivendo numa espécie de transe. Difícil aceitar que alguém dê sua própria vida em prol de uma causa. Mas pra mim, Francelmo fez muito mais que isso. Seu gesto desesperado tornou-lhe uma exceção em meio a uma sociedade hedonista como a nossa".

Para a jornalista e colunista do *Correio do Estado*, "Francelmo é um verdadeiro, único herói dos tempos modernos. Só lamento que os heróis quase sempre morram durante a luta. Uma luta que está apenas começando e que depende, mais do que nunca, de cada um de nós. Que seu gesto nos dê, ao menos, um pouco de sua coragem para olhar até o futuro. E que ele seja verde".

Filme da semana

Os filmes comentados nesta editoria já foram assistidos por algum colega do IHU

Cidade Baixa

Ficha Técnica

Título Original: Cidade Baixa

Gênero: Drama

Duração: 93 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2005

Site Oficial: www.cidadebaixaofilme.com.br

Direção: Sérgio Machado

Produção: Maurício Andrade Ramos e Walter Salles

Elenco: Wagner Moura, Lázaro Ramos, Alice Braga, Harildo Deda, Maria Menezes, João Miguel, Débora Santiago, Valéria e José Dummont.

Sinopse: Deco (Lázaro Ramos) e Naldinho (Wagner Moura) se conhecem desde garotos, sendo difícil até mesmo falar em um sem se lembrar do outro. Eles ganham a vida fazendo fretes e aplicando pequenos golpes a bordo do Dany Boy, um barco a vapor que compraram em parceria. Um dia surge Karinna (Alice Braga), uma stripper que deseja arranjar um gringo endinheirado no carnaval de Salvador a quem a dupla dá uma carona. Após descarregarem em Cachoeira, Deco e Naldinho vão até uma rinha de galos. Naldinho aposta o dinheiro ganho com o frete, mas se envolve em confusão e termina recebendo uma facada. Deco defende o amigo e ataca o agressor, mas os dois são obrigados a fugir no barco, rumo a Salvador. Enquanto Naldinho se recupera, Deco tenta conseguir dinheiro para ajudar o amigo. Ao chegarem em Salvador a dupla reencontra Karinna, que está agora trabalhando em uma boate. Aos poucos a atração entre eles cresce, criando a possibilidade de que levem uma vida a três.

Um épico de vidas infames

Por Maria Rita Kehl

Maria Rita Kehl é psicanalista e ensaísta. Escreveu, entre outros livros, *Ressentimento* (Casa do Psicólogo). Ela concedeu uma entrevista à revista *IHU On-Line*, edição número 60, de 19 de maio de 2003. O artigo que segue foi publicado no jornal Folha de S. Paulo, 13-11-05.

"Malandragem de verdade é viver."
(Mano Brown)

Se *Cidade Baixa* fosse apenas uma história de amor, já seria um belo filme. O amor restou como única forma de transcendência à disposição de nossas vidas privatizadas: quanto mais se amesquinha a vida pública, no Brasil, mais inflado nosso imaginário amoroso. Se *Cidade Baixa* se limitasse a corresponder à nossa carência insaciável de histórias de amor, temperado com

cenas de bom erotismo, já estaria melhor que a encomenda. Mas penso que o filme de Sérgio Machado vai além. Mais do que um triângulo amoroso convincente, vejo em *Cidade Baixa* um épico passado entre vidas infames. O que faz a tonalidade épica do filme, apesar da insignificância dos personagens - uma prostituta estreante na vida e dois amigos que sobrevivem

de transportar cargas lícitas ou ilícitas em um barco, no Recôncavo baiano-, é o esforço permanente deles para resistir à violência a que suas vidas parecem predestinadas.

Esforço que surpreende o espectador. O enredo parece nos conduzir a um final previsível, ao fatal desfecho à moda brasileira para todos os conflitos, passionais ou não, sobretudo entre os habitantes miseráveis das cidades “baixas”. Esperamos a carnificina, esperamos gozar de aflição ante a imagem terrível que é, sempre, a de um homem morrendo pela mão do semelhante. Esperamos sair de *Cidade Baixa* com o clichê na ponta da língua: que o filme seja “um soco no estômago”. Eu me pergunto por que essa expressão se tornou um elogio ao cinema: por que nós, espectadores, gostamos tanto de levar socos no estômago? Será preciso que um bom filme nos arrase moralmente, que nos force a pagar pelo conformismo com que aceitamos, fora do cinema, as consequências violentas da desigualdade social brasileira? Neste caso, a expectativa masoquista do espectador é frustrada no final. Verdade que, desde as primeiras cenas do filme, o gozo cobra seu preço em sangue. A excitação dos homens em torno da briga de galos é prenúncio de morte. Não sabemos se Deco (Lázaro Ramos) matou ou não o bêbado que esfaqueou Naldinho (Wagner Moura). O próprio Deco parece não saber. Mas sabemos que o sangue e a rivalidade alimentam o erotismo.

Só que Karina (Alice Braga) foge ao estereótipo da mulher fatal empolgada com a violência que provoca nos homens. Karina não quer ser disputada em termos de vida ou morte. Arrisco propor que a personagem se apaixona não por um (ou outro) dos amigos, mas pelo forte laço que os une. Por isso é incapaz de escolher entre eles, por isso

se angustia ante a perspectiva de ser o agente destruidor da amizade.

A mudança de posição da personagem feminina -de profissional a amante- ocorre na cena em que ela observa Deco, comovido e aliviado, pousar a mão sobre o peito do amigo que já não corre perigo de morte. Apesar de já ter transado profissionalmente com os dois protagonistas, é nesse momento que Karina se entrega a Deco, com urgente paixão.

O *ménage à trois* segue por essa seara, em que o estímulo sexual é sempre temperado de angústia, de medo, de raiva, de aflição mas também de alegria. O erotismo se transforma em amor em consequência das experiências-limite que o trio compartilha. É como se o amor se apresentasse a eles como superação da miséria, como proteção, sentido, abrigo. Para tanto, é necessário que inclua os três.

Pacto fraterno

O trio de amigos/amantes/rivais leva o desejo às últimas consequências. Mas quem disse que a última das consequências tem que ser, forçosamente, o assassinato? Estamos tão habituados a nosso próprio fatalismo, no cinema e na vida, que não nos parece verossímil que os amigos recuem alguns minutos (ou alguns fotogramas) antes de se destruírem.

Cidade Baixa aposta, muito delicadamente (é possível, sim, falar em delicadeza em meio ao sexo e à fúria), que uma ética da amizade ainda sustente o que restou de civilização, entre nós. A cena final sugere um pacto fraterno selado com sangue, enquanto os olhares pouco a pouco se desarmam, se encontram, se amparam. Deco, Naldinho e Karina são heróis porque resistem contra o que parece ser, no Brasil, um destino, uma predestinação destrutiva.

Deco e Naldinho não se matam porque não querem, da mesma forma como Naldinho recua ante a possibilidade de matar o vendedor da farmácia, em um assalto. Karina, a pivô, pequena puta apaixonada pelos dois amigos, tenta evitar que o ciúme termine em tragédia. Nenhum dos três deseja a morte: o filme é comandado pelas pulsões de vida. É de Eros, não de Tânatos, que se trata; Eros em toda a sua fúria e esplendor.

Vale apontar uma diferença entre este e os filmes recentes do eixo Rio-São Paulo: a cidade de Salvador ainda não desterrou todos os seus pobres. A cidade baixa (ao contrário do Pelourinho pós-restauração) ainda pertence ao povo que sempre viveu lá. A referência à amizade entre os protagonistas, companheiros de

infância, revela que parte da população de Salvador ainda foi preservada da desterritorialização aparentemente inexorável que afeta os vínculos sociais, de pertinência e amparo, entre os pobres das capitais brasileiras. A cidade "baixa" é dos negros, é dos pobres, é dos baianos. Daí a sociabilidade menos violenta, mesmo quando fora da lei.

O filme termina com cenas documentais da vida cotidiana nas vielas estreitas de Salvador, por onde os moradores passeiam distraídos, contemplam a Bahia pelas janelas, conversam com vizinhos, levam filhos pelas mãos. São cenas anônimas de rua, embaladas por toada consoladora, à maneira de um lamento de escravos, na voz negra de Carlinhos Brown.

Artigo da semana

Os jovens dos subúrbios encarnam os cidadãos "supérfluos"

Por Ulrich beck

As visões nacionais são enganosas. As causas dos incêndios nos subúrbios não podem ser localizadas somente na França, e as noções que lhes são associadas como as de "desemprego", de "pobreza", de "jovens imigrantes", não são mais pertinentes. Uma das clivagens do século XXI está justamente em formação aqui. Ulrich Beck é sociólogo e professor na Universidade de Munique. Beck é autor de vários livros, dentre os quais destacamos: *Modernização reflexiva. Política, tradição e estética na ordem social moderna* (com Giddens e Lash). São Paulo: Unesp, 1997; *O que é Globalização?* São Paulo: Paz e Terra, 1999. *La sociedad del riesgo. En camino hacia otra sociedad moderna* Barcelona: Paidós, 1998; *Un nuevo mundo feliz. La precarización del trabajo en la era de la globalización*. Barcelona: Paidós, 2001; *Sobre el terrorismo y la guerra*. Barcelona: Paidós, 2003; *Liberdade ou capitalismo. Conversa com Johannes*

Wilms São Paulo: Unesp, 2003; *Pouvoir e contre-pouvoir à l'ère de la mondialisation*. Paris: Aubier, 2003. O artigo foi publicado no jornal francês *Le Figaro*, 18-11-05.

A tradução e os subtítulos são dos nossos colegas do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores – CEPAT.

A África está por todo o planeta

A questão decisiva pode ser formulada assim: o que acontece com aqueles que estão excluídos do melhor dos mundos? A mundialização econômica conduziu a uma fratura planetária que atravessa cada nação. Por efeito desta fratura, os centros industrializados, dominados por um forte crescimento, costeiam verdadeiros desertos em termos de produtividade. É um fenômeno desses não se produz somente “lá” na África, mas também em Nova York, em Paris, em Roma, em Madri e em Berlim. É por toda a África. Esse continente tornou-se o símbolo da exclusão. Existe uma África exterior e numerosas Áfricas, em particular na Ásia e na América do Sul, mas também nas metrópoles da Europa, nas quais as injustiças extremas ligadas à mundialização se exprimem com uma intensidade particular. Também as significações aparentemente intangíveis das noções de “pobre” e de “rico” passam por uma metáfora acelerada.

Os ricos não têm mais necessidade dos pobres

Outrora os ricos tinham necessidade dos pobres para tornarem-se ricos. Em tempos de mundialização, os ricos não têm mais necessidade dos pobres. É a razão pela qual as crianças francesas de origem africana ou norte-africana sofrem de uma completa ausência de perspectiva nos subúrbios das grandes cidades. É preciso ver que as noções de “pobreza” e de “desemprego”, na sua acepção comum, surgiram no quadro nacional da sociedade de classes. E que elas repousam, além disso, sobre o

postulado, cada vez menos válido e cada vez mais sujeito à caução por um crescente número de populações, segundo o qual a pobreza resultaria da alienação, e que em consequência revestiria uma utilidade, a miséria de uns fundando a opulência de outros.

Cidadãos “supérfluos”

À sombra da mundialização econômica, cada vez mais pessoas sucumbem a um desespero sem margem, cuja característica é tornar completamente supérflua uma categoria inteira de indivíduos. Eles não formam mais um “exército de reserva” (como Marx os chamava), porque a economia pode prescindir deles. Gradativamente, os governos podem ser eleitos sem seus votos. Os jovens relegados ao estado de cidadãos supérfluos de sua existência são cidadãos no papel; mas, na prática, são não-cidadãos; não-cidadãos excluídos intelectualmente dos movimentos operários.

Na Alemanha, mas também em numerosos outros países, acredita-se obstinadamente que as causas da violência dos jovens oriundos da imigração estão na busca de suas culturas de origem. Os estudos empíricos da sociologia mais elaborada atestam o contrário: não é a falta de integração, mas seu êxito, que gera paradoxalmente o ódio e a violência. É mais exatamente a contradição entre o grau de assimilação cultural e a exclusão social desta juventude. Esses adolescentes assimilados, cujos pais vieram se instalar em nossos países, não

são muito diferentes, por suas aspirações e suas idéias, dos demais adolescentes de sua idade: ao contrário, são particularmente próximos deles. É à luz desta similitude que o racismo experimentado por esses grupos heterogêneos de adolescentes é uma experiência tão amarga e tão escandalosa para todos os outros. Em consequência, os atores das revoltas dos subúrbios descrevem sua situação recorrendo aos termos dignidade, direitos humanos e exclusão. E, de maneira significativa, mesmo que sejam desempregados, não é ao trabalho que fazem alusão.

Trabalho: de instrumento de integração a mecanismo de exclusão

As elites econômicas e políticas não querem renunciar ao conceito de “trabalho para todos”, o que os torna extremamente míopes diante da amplitude da desesperança que ganha todas as *cités-guetos* onde vivem os cidadãos “supérfluos”, privados de uma existência normal que repousa sobre o salariado. Os partidos tanto da esquerda como da direita, os novos sociais-democratas como os antigos, os neoliberais como os nostálgicos do Estado social, não podem admitir que, há um bom tempo, num contexto de desemprego de massa, é o trabalho que, de grande instrumento de integração, se tornou um mecanismo de exclusão.

“Até que ponto os homens que não têm trabalho podem dar sentido à sua existência?”

A verdadeira miséria se manifesta, em última instância, através da hierarquia das qualificações: os “jobs” destinados aos adolescentes pouco qualificados foram automatizados ou deslocalizados. Assim, a escola elementar está ameaçada, em toda a Europa, a tornar-se

uma prisão atrás dos muros da qual os grupos sociais mais humildes são condenados para o resto da vida ao desemprego e à ajuda social. A qualificação, que engendra situações de superfluidade, torna-se uma fábrica de “violência molecular”, segundo a expressão de Hans Magnus Enzensberger. Apesar de tudo, a política e a ciência, sob o império da ortodoxia do pleno-emprego, estão obstinadas em reprimir uma pergunta de fundamental importância: em que medida os homens que não têm trabalho podem dar sentido à sua existência? Soluções políticas tais que a discriminação positiva não são postas em prática, porque, fundamentalmente, estamos na presença de lutas pelo reconhecimento cultural. Muitos, diferentes dos conflitos advindos da luta pelo reconhecimento, são os jogos em que todos podem ganhar. O pressuposto é a imagem que tem de si uma sociedade fundada sobre o culto da maioria, seja substancialmente modificada.

Insurreição de cidadãos “supérfluos” contra sua dignidade lesada

Entretanto, é o contrário que se produz: o racismo ingênuo dos falsos conceitos vai de tal modo de si que ninguém se lembra dele. Fala-se assim, por exemplo, dos “imigrados”, silenciando sobre o fato de que se trata de franceses. Incrimina-se o Islã, desconhecendo o descrédito de muitos amotinadores. Estamos, portanto, diante de uma insurreição profundamente francesa de cidadãos “supérfluos” contra sua dignidade lesada. Cidadãos que reclamam o direito de serem, ao mesmo tempo, iguais e diferentes. O grau mínimo de reconhecimento deveria consistir em não interpretar de maneira trivial o incêndio de ódio que ameaça se estender a todo o planeta. Mesmo isso,

porém, é, sem dúvida, ainda exigir | muito.

Entrevistas da semana

Eis o imaginário que tomou o poder

Uma entrevista com Paul Virilio

A emoção pública tomou o lugar da opinião pública. Horror e vaia de estádio, hilaridade e angústia, comoção e raiva: a sociedade contemporânea vive brincando de montanha russa, estados de ânimo suscitados, de volta em volta, por imagens ao vivo, um curto-circuito perene de sugestões e choques dos quais, no final, não resta nada.

”O hiper-realismo não está somente mudando a esfera privada dos indivíduos, mas também a arte, a política, o conceito mesmo de democracia”, explica Paul Virilio, urbanista e filósofo, conhecido como teórico da velocidade e especialista do impacto das novas tecnologias. No seu último livro, Virilio analisa a confusão, ou melhor, a fusão entre realidade e ficção e fala de como se está impondo o conceito de “teleobjetividade”.

Paul Virilio concedeu uma entrevista para o jornal *La Repubblica*, 15-11-05, que foi reproduzida nas notícias diárias do sítio www.unisinos.br/ihu, em 16 de novembro de 2005, e que publicamos a seguir:

Estamos em frente a uma nova estética da realidade?

Hoje o que conta é o átimo e não o lugar. Um evento não se define mais no espaço, mas no tempo. O celular, a televisão por satélite, Internet: organizamos a nossa vida em torno de um novo tempo real que suplantou o espaço real, que era a dimensão que nós conhecíamos desde o final do século XV.

O que provocou esta transformação?

O domínio das imagens mudou radicalmente as perguntas éticas e estéticas que nos devemos fazer. Desde o século das Luzes, estávamos habituados a refletir sobre “ver e saber”, agora o

novo binômio sobre o qual nos interrogamos é “ver e poder”.

Quais são as consequências do hiper-realismo?

Assistimos a uma tendência extraordinária que eu chamo de “sincronização das emoções”. É uma espécie de globalização dos afetos, desde o Grande Irmão até às periferias em chama, da Ilha dos famosos até o furacão de Nova Orleans, das bombas no metrô até o tsunami, até os funerais do Papa.

Porque tudo é ao vivo, pela TV.

Ao vivo, “live”, substitui a vida, “life”. É a percepção astronômica da realidade. A

TV é um enorme caleidoscópio que nos torna infinitamente mais próximos e sensíveis a tudo aquilo que acontece fora do nosso horizonte visível. Ao mesmo tempo, milhões de pessoas têm o sentimento de vibrar unissonamente. É uma condição incrível que nunca se verificara antes.

Mas é uma percepção alterada, uma ilusão.

A verdade é que a distância das coisas aumentou. A teleobjetividade põe fim ao tradicional contato de ver e situar. Aos homens são concedidos atributos que são divinos: a ubiquidade, o imediato. Mas isso é a característica de Deus que, aplicada aos homens mortais, torna a sua condição desumana.

O que permanece desta avalanche de imagens e emoções?

Pouco ou nada. São somente tremores rápidos. Depois de pouco tempo, já estamos prontos para um novo terremoto afetivo. A velocidade é um modo de ver. Quem guia carro, sabe que, quando se acelera, a perspectiva é muito diferente. Não por acaso, a tragédia grega era apresentada uma só vez. Ela era uma espécie de "live", ao vivo.

A distinção entre realidade e ficção está destinada a desaparecer?

Não gosto de fazer simulações como o meu amigo Jean Baudrillard⁴⁰. Falo do

⁴⁰ **Jean Baudrillard**: filósofo e sociólogo. Um dos importantes pensadores ocidentais da atualidade, é autor de vários livros entre os quais destacamos: *A Troca Impossível*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002; *A Ilusão Vital*. Civilização Brasileira, 2001 e *A Sociedade do Consumo*. Lisboa: Edições 70, 2000. De Baudrillard a *IHU On-Line* publicou o artigo *A máscara da guerra*, na edição 51, de 17 de março de 2003. O Prof Juremir Machado da Silva apresentou o *IHU Idéias* de 11 de setembro de 2003, intitulado *11 de setembro: Ano III. Uma reflexão a partir de Jean Baudrillard*. Sobre esse tema, Juremir concedeu uma entrevista na 74ª edição da *IHU On-Line*, de 8 de setembro de 2003,

que vejo no momento. A teleobjetividade é um dado de fato. Vejam a polêmica sobre o esporte e a televisão: estamos tentados a dar mais peso ao árbitro sentado atrás de uma televisão do que aquele que está no campo em contato com os jogadores.

Quais são os riscos?

No século passado, os regimes totalitários tentaram, sem sucesso, realizar uma política panóptica. Creio que a sociedade global do século XXI conseguirá realizar esta utopia, graças à aceleração da realidade. A arte é a primeira vítima.

A assim chamada ditadura do público?

Gosto de recordar Maurice Merleau-Ponty⁴¹ quando dizia: "Obedecer com os olhos fechados é o início do pânico". Hoje os nossos olhos estão abertos, mas temos na nossa frente as telas que são muros. Assim nasce o pânico, o terreno propício para a manipulação política e para uma certa deriva religiosa. George W. Bush e a queda das Torres Gêmeas são o símbolo desta política panóptica.

Como fugir desta obediência?

É preciso aprender a não confundir opiniões com emoções. Desde a queda da Torres Gêmeas até a guerra do Iraque, os governantes querem transformar choque, violência do desejo, abalos do ânimo, em pensamentos

sob o título *11 de setembro segundo Jean Baudrillard*. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴¹ **Maurice Merleau-Ponty** (1908-1961): Escritor e filósofo líder do pensamento fenomenológico na França. Professor da Universidade de Lyon e na Sorbone, em Paris. De 1945 a 1952 foi co-editor (com Jean-Paul Sartre) do jornal *Les Temps Modernes*. Voltando sua atenção para as questões sociais publicou um conjunto de ensaios marxistas, em 1947, *Humanisme et terreur* ("Humanismo e Terror"), a mais elaborada do comunismo soviético no final dos anos 1940 (Nota da *IHU On-Line*).

elaborados. A emoção é uma reação, não uma reflexão. Se sofre, não se controla.

Há também quem é ator, não somente espectador.

Cada um segue o próprio extremismo familiar, político, artístico, tecnológico para sincronizar com o ritmo das emoções globais. Acontece nos casos televisivos, nos atrozes atentados terroristas, nas revoltas da periferia ou nas igrejas. E não é preciso, acreditem, dar somente uma interpretação sociológica.

A política é adequada ao hiper-realismo?

Mais: o sistema político faz parte da tendência. A democracia tal como a conhecemos até agora, com opiniões construídas por meio de debates e representantes eleitos na base de programas, arrisca desaparecer. Estamos andando para uma política do choque perpétuo, que fala à pança dos eleitores, uma releitura contemporânea daquilo que Serghej Tchakhotine chamava o estupro das massas.

"É necessário lançar as bases de uma nova civilização"

Uma entrevista com Edgar Morin

Edgar Morin, em entrevista publicada no jornal *La Repubblica*, 13-11-05, reflete sobre a rebelião francesa nestas últimas três semanas. Nas notícias diárias da página www.unisinos.br/ihu, temos reproduzido textos de Alain Touraine que, o jornal *Folha de S. Paulo* publicou ontem, e a página já publicara na terça-feira, dia 8-11-05, uma entrevista com Jacques Le Goff e outros pensadores sobre o mesmo assunto. "Imagine um toco de cigarro que origina um incêndio num mato seco: com o vento, as chamas se propagam primeiro para as regiões mais próximas, depois para as mais longínquas". O sociólogo Edgar Morin, pai do pensamento da complexidade, usa esta metáfora para resumir o que está acontecendo nas periferias francesas. "Para apagar este fogo servem palavras de humanidade e compreensão, mas nunca insultos e repressão", explica.

Professor, nestes dias, todos os subúrbios se manifestam: como o senhor descreve esta situação?

Os subúrbios são os lugares da desintegração social. Para a maior parte dos jovens de origem magrebina que os habita, os procedimentos tradicionais de assimilação não funcionam mais. Há, além disso, entre estes jovens, uma consciência fraquíssima de pertença a

uma entidade nacional. E isso por dois motivos: o primeiro é que a escola não tem mais a força necessária para transmitir e fazer amar a cultura francesa; o segundo, se deve às repercussões do conflito histórico entre o Ocidente e mundo islâmico.

Em que sentido?

Entre estes adolescentes alguns têm os documentos, outros não. Alguns trabalham, mas muitos são desempregados. Alguns sobrevivem na legalidade, outros devem recorrer à economia paralela da droga ou do furto. A tudo isto se acrescenta a brutal repressão dos policiais franceses entre os quais, um dos insultos mais em voga é: "árabe sujo".

Mas quem são os vândalos?

São adolescentes que se reúnem em bandos recriando uma pequena sociedade à luz do modelo do clã pré-histórico. Quando acontece uma desintegração do tecido social, estes jovens se reintegram num novo tecido com um território próprio, uma autoridade legítima, que é o chefe, com regras de comportamento que são reescritas. Estes bandos estão, muitas vezes, em conflito entre eles, mas estão, sobretudo, em guerra aberta com a sociedade. Creio, no entanto, que a palavra *casseur* seja muito restritiva: certamente, estes jovens devastam tudo o que encontram pela frente, mas isso acontece somente nos momentos de euforia coletiva. Por isso não podem ser criminalizados, mas compreendidos e ajudados.

De quando vem este fenômeno?

De muitos anos. Eu lhe asseguro que este tipo de revolta já se deu diversas vezes nas periferias francesas. Mas até algumas semanas atrás estas revoltas eram circunscritas aos seus lugares de origem. Explodiam num bairro sem contagiar os outros. Eram revoltas efêmeras e localizadas. Agora, pelo contrário, elas atingem proporções inauditas por se terem tornado uma rebelião coletiva dos jovens que foi desencadeada pela morte de dois deles, talvez assassinados pela polícia. Uma granada contra uma mesquita depois,

justificou aos olhos de muitos deles estas revoltas.

Houve, enfim, a palavra infames, que o ministro do Interior, Nicolas Sarkozy, novamente pronunciou há dois dias.

Um insulto que jogou mais gasolina no fogo e que originou uma espécie de terrível festa devastadora que continua a ser celebrada todas as noites com a destruição de automóveis, escolas, postos policiais, restaurantes.

Como se deu o contágio da violência de um bairro a outro?

Bastaram as imagens dos primeiros choques, os de *Clichy-sous-bois*, transmitidas pela televisão. Em poucas horas, outros pequenos grupos de delinquentes provaram a mesma vontade destruidora em outras periferias da França. O fenômeno se generalizou rapidamente.

Quais são as causas profundas do mal-estar juvenil?

Veja, quando uma doença é muito grave, juntamente com as suas causas é preciso curar também os sintomas. Teria bastado uma repressão muito mais pontualizada e precisa contra aqueles que organizam estas revoltas. Assim como está, a reação da polícia me parece demasiadamente confusa. São, pois, necessárias palavras de humanidade, de solidariedade e de compreensão pela tragédia que golpeia os guetos onde vivem estes adolescentes. E por parte do governo francês não ouvi, até agora, um só discurso deste tipo.

E que soluções sugere?

Existe uma só: a integração social que passa por um profundo plano de reformas não só econômicas e sociais, mas também morais e políticas. Os adolescentes são sempre o elo mais

fraco da sociedade francesa. É, portanto, necessário acordar neles o sentimento de pertença a uma nação, à Europa, ao Ocidente”.

O que acontecerá agora?

A situação se acalmará, mas será difícil afastar das nossas consciências o

espectro de tudo o que estas revoltas significaram. Será necessário repensar a política social francesa. Mas para recomeçar desde início se necessitará, antes, lançar as bases de um novo modo de conviver ou, se prefere, de uma nova civilização.

Os lugares dos excluídos e a modernidade falida

Uma entrevista com Marc Augé

”Se hoje a periferia é um mundo que amedronta e no qual parece impossível se aventurar, é também porque, nas últimas décadas, este lugar típico da modernidade urbano conheceu uma transformação radical que modificou radicalmente os espaços e as relações sócias”. Marc Augé, o antropólogo dos ”não-lugares”, que, muitas vezes, se interrogou sobre os códigos e os ritos da contemporaneidade, fala das periferias como de uma realidade complexa em movimento, dificilmente capaz de ser reconduzida a poucas coordenadas estáveis e definidas. Para o antropólogo, hoje existem muitos modelos de periferia sobrepostos. ”No passado, explica, a periferia era uma espécie de mundo intermediário entre a cidade e a campanha. Hoje, as fronteiras entre estes dois mundos aparecem como incertas. A urbanização desestruturou a cidade, desenvolvendo-a ao longo dos grandes eixos de comunicação e dando vida a um tecido urbano híbrido que se estende um pouco por tudo. No seu interior, surgiram diversos tipos de periferia imbricadas umas com as outras. Ao lado do universo tradicional das vilas, nasceram os bairros dormitórios. Estes novos bairros, sem estrutura social e de serviços são, muitas vezes, isolados do espaço próximo, mesmo se surgem ao lado de outros aglomerados urbanos. Os primeiros sintomas de tensão nos bairros periféricos aparecem nos confins dos diversos tipos de periferia. Na França, por exemplo, nas vilas, vivem os representantes de uma pequena burguesia voltada sobre si mesma, enquanto nos bairros-dormitório, se concentram as populações de imigrantes”.

A entrevista com Marc Augé foi publicada pelo jornal italiano *La Repubblica*, 11-11-05 e reproduzida no sítio www.unisinos.br/ihu <<http://www.unisinos.br/ihu>>, dia 14-11.

Sempre foi assim?

Os grandes bairros-dormitório, nascidos nos anos 1970, hoje estão decrépitos e à margem da explosão. Representam a falência de uma idéia de modernidade. Inicialmente representavam o sonho de uma vida melhor. Eram o símbolo de um possível progresso social. A evolução socioeconômica os transformou em guetos cheios de desespero e ressentimento. Foram abandonados, sem completar as necessárias infra-estruturas sociais e culturais. Pouco a pouco, se tornaram lugares de estacionamento para as populações imigradas flageladas pelo desemprego. Deviam ser um espaço de integração social, mas se transformaram num lugar de exclusão. As periferias degradadas se tornaram o pólo negativo da sociedade, um pólo que catalisa o medo dos outros.

Entre este tipo de periferia e o resto da cidade ainda existem relações?

Cada vez menos. Nas grandes metrópoles o tecido urbano é sempre mais composto e disperso, mas no seu interior a segregação espacial é sempre mais marcante. Também quando os bairros-dormitório se reencontram no interior das cidades, permanecem sempre como um mundo separado. Os habitantes destes bairros e os outros se ignoram. Não têm relações sociais. É como se não se vissem. Conseqüentemente, cada um projeta sobre o outro os próprios fantasmas e os próprios medos. Quem habita no centro imagina as periferias como um universo de violência, enquanto quem habita na periferia imagina o centro como lugar onde se concentra tudo aquilo de que se sente excluído.

Os grandes bairros-dormitório podem ser considerados como não lugares?

Para nós aparecem como não-lugares, isto é, espaços anônimos sem traços da história de quem viveu ou das relações sociais que lá se desenvolveram. É, no entanto, uma impressão relativa porque para os habitantes destes lugares tão pouco atraentes eles são o único espaço com que podem se identificar. São a única realidade que conhecem e a única na qual não se sentem estrangeiros. São espaços degradados e infelizes, mas inseparáveis da sua história. Os habitantes os investem de sentido e de uma identidade que, muitas vezes, é uma identidade relativa, nascida do sentimento de exclusão. Para os jovens entre quinze e vinte e cinco anos que têm a impressão de não ter nenhuma colocação na cidade, o bairro torna-se o único espaço que eles podem se apropriar. Este espaço muito limitado e do qual, raramente, podem sair, torna-se o território que é preciso defender.

Neste sentido a fronteira entre a periferia e o resto da cidade se torna cada vez mais intransponível.

Quem habita na periferia acaba por interiorizar a fronteira que a separa das outras fronteiras. Não por acaso, quando os jovens das periferias vão para o centro, permanecem, quase sempre, entre eles. Frequentam os espaços que mais recordam o anonimato dos seus bairros. A fronteira está na sua cabeça. É como se permanecessem confinados nas periferias ainda que não se encontrem lá. Naturalmente, para tais situações contribuem muito os outros que projetam sobre a periferia os seus preconceitos e a sua desconfiança. Pela fúria de sentir-se considerado diferente, os jovens das periferias terminam por reivindicar tal diversidade.

Por que se organizam em bandos?

A sensação de não haver nenhum destino pessoal no interior da coletividade nacional os leva a criarem o refúgio das minicoletividades de base territorial. Isso lhes permite reencontrar uma identidade coletiva, construída em oposição ao mundo que não os quer acolher. Nestes pequenos grupos, se misturam pessoas de origens muito diferentes, dando lugar a uma identidade mestiça muito longínqua das tradicionais. São identidades que depois se conotam por uma linguagem, os comportamentos, os modos de vestir etc. Assim, as tribos periféricas se tornam produtoras de cultura, no sentido que criam modos de comportamento e de comunicação. É preciso também recordar que muitas vezes as microcomunidades reproduzem os modelos de exclusão que sofrem, aplicando-os nos confrontos com aqueles que vivem fora do seu espaço.

Por que sempre a periferia é associada à violência?

Não acredito que o mundo das periferias seja mais permeável que os outros à violência. É, antes, a visão dos outros que projeta incessantemente a violência sobre estes bairros, como se fosse a sua única dimensão. No século passado, o poder temia o que ele chamava as "classes perigosas". Hoje, o discurso dominante está fabricando novas "classes perigosas", só que se trata de grupos de jovens localizados em

determinadas áreas urbanas. Os jovens que hoje se revoltam nas periferias francesas quebrando tudo, agem como se, improvisamente, quisessem aderir in toto à imagem que a sociedade faz deles. A sua violência é um sintoma de desilusão e uma demanda. Para as pessoas constantemente discriminadas por causa do bairro em que vivem, da cor da pele ou da bagagem econômica e cultural, a violência se torna um modo de existir e ser reconhecidos. Sem violência, ninguém se preocuparia com eles. Naturalmente, isso é só uma constatação e não uma justificação.

Transformando e reabilitando o espaço das periferias é possível inverter a tendência?

O espaço e o social estão sempre conectados. No entanto, não basta transformar o espaço para modificar as relações sociais. A restauração dos bairros deve fazer parte de uma batalha mais geral contra a marginalização socioeconômica dos seus habitantes. Dito isso, as intervenções urbanísticas podem ser úteis para superar o isolamento. A degradação do espaço não só exprime a degradação social mas a multiplica. Renovar e transformar os guetos urbanos é um modo de reconhecer e valorizar os seus habitantes. E quando nos sentimos respeitados, respeitamos também os outros.

Deu nos jornais

Deu nos jornais é uma síntese semanal das notícias veiculadas diariamente no sítio www.unisinos.br/ihu, compiladas pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU.

Argentina. O crescimento do PIB supera o esperado: 9% em nove meses

O ritmo do crescimento da economia argentina supera todos os prognósticos, inclusive os mais otimista. Em setembro, a atividade econômica cresceu 9% com

respeito ao mesmo mês de 2004. A notícia, manchete principal, é do jornal argentino *Clarín*, 18-11-05. Por isso todos os economistas, até os mais conservadores, informa o jornal, se apuraram em corrigir suas projeções e já estimam que em 2005 o PIB crescerá quase 9% enquanto que para 2006 calculam uma subida de 6,5%.

Entreatos. Lula a 30 dias do poder

“O documentário (Entreatos) mostra de maneira enfática e repetitiva que Dirceu e Palocci eram peças centrais da campanha pela sua proximidade e intimidade com o candidato. É natural que não tivessem a mesma função. Com isso, deve-se concluir que um cumpria um papel político, e o outro, financeiro. E que ser “coordenador de programa” era mais uma fachada para Palocci”, escreve Cesar Maia, prefeito do Rio de Janeiro - PFL em artigo publicado, ontem, 17-11-05, no jornal *Folha de S. Paulo*. Segundo o polêmico prefeito, o filme “deveria estar sendo distribuído normalmente e conforme programado. A suspensão de sua circulação, por decisão de seu diretor, é um ato de censura, mesmo que de autocensura.” Delúbio inexistente no filme, - segundo Cesar Maia - o que reforça seu papel subordinado e de distribuidor dos recursos que recebia e recebeu depois. Na equipe de frente, além de Duda, Palocci e Dirceu, estavam sempre presentes Gilberto Carvalho, Gushiken, o assessor de imprensa Kotscho e Dulci. Silvio Pereira aparece somente uma vez, durante viagem de jatinho ao Norte, onde está Lulinha”. O documentário *Entreatos. Lula a 30 dias do poder*, de João Moreira Salles será exibido e debatido na Unisinos, no dia 30 de novembro, quarta-feira, às 16h, na sala 1G119. No dia anterior, 29 de novembro, no mesmo horário e local, será exibido e debatido o filme *Peões*, de Eduardo Coutinho. Mais informações, consulte o sítio www.unisinos.br/ihu

Luiz Marinho descarta propostas para mínimo e IR

A pouco mais de uma semana da chegada das centrais sindicais para manifestação em Brasília, o ministro e ex-sindicalista Luiz Marinho (Trabalho) descartou ontem a possibilidade de o governo aceitar a proposta das entidades para o reajuste do salário mínimo e a correção do Imposto de Renda de pessoas físicas. A notícia é do jornal *Folha de S. Paulo*, 18-11-05. As centrais já fecharam questão e reivindicam que o salário mínimo seja elevado, em maio, dos atuais R\$ 300 para R\$ 400. Os sindicalistas também pressionarão o governo a corrigir a tabela do IR em cerca de 13% ,a partir de janeiro do ano que vem. “Isso não é possível” e “talvez não seja o caso” foram as expressões usadas por Marinho, ao ser questionado se o mínimo poderia ser reajustado para R\$ 400 e se a correção da tabela reporia a inflação acumulada em 2004 e neste ano. Para ele, não há folga no Orçamento de 2006 para atender ao pedido das centrais sindicais.

No país, 21% das mulheres negras são domésticas

O estudo *Retrato das Desigualdades*, divulgado ontem pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e pelo Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (Unifem), mostra que, no Brasil, 21% das mulheres negras trabalham como empregadas domésticas e apenas 23% delas têm carteira assinada. Já entre as mulheres brancas apenas 12,5% delas estão no serviço doméstico e 30% têm registro na carteira. A notícia está nos jornais *Valor*, *O Estado de S. Paulo*, *O Globo* e *Folha de S. Paulo*, 18-11-05. O estudo revela as desigualdades entre brancos e negros e ainda entre homens e mulheres. “Sabemos que a população negra é a mais pobre entre os pobres e que as mulheres negras são ainda mais pobres que os homens. Agora, estudos como este promovem um detalhamento dessa realidade e são fundamentais para nos direcionar em relação às prioridades da ação de governo”, afirmou a ministra da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial,

Matilde Ribeiro, no lançamento da pesquisa. Em todas as áreas analisadas, como educação, mercado de trabalho e acesso a bens e serviços, as mulheres negras apresentam os piores indicadores. Em média, o salário delas equivale a 30% do rendimento dos homens brancos. E o desemprego (16,6%) é duas vezes maior que entre os brancos (8,3%). O estudo analisou os resultados da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (PNAD) realizada em 2003 pelo IBGE. Do total de 174 milhões de brasileiros, 52% se declararam brancos e 47,3% negros. Dos negros, 41% se consideraram pardos e apenas 6%, negros. O restante da população se declarou amarela (0,4%) e indígena (0,19%) ou não informou a raça/cor. A primeira versão do estudo, de 1993, indicava que, entre as mulheres, 18,8% era responsável pela renda da família. Na atual pesquisa, o número aumentou para 22,9% - sejam mulheres com filhos, sem filhos ou que moram sozinhas. Entre as chefes de família, destacam-se as mulheres negras, que são as que mais respondem pelo sustento de famílias com filhos sem ajuda de companheiros ou maridos. Também chefiam as famílias brasileiras 15% das mulheres que, além de cuidar dos afazeres domésticos e dos filhos, ainda trabalham. As negras são em maior número as responsáveis por famílias com filhos quando comparadas às brancas. Elas chefiam 16,1% dessas famílias, enquanto as mulheres brancas chefiam 14,3% de famílias com filhos. O estudo mostra ainda que a estrutura de família em que a mulher mora sozinha e responde pelo seu sustento predomina entre as brancas, o que pode estar relacionado às melhores condições econômicas da população branca em relação à negra. As mulheres brancas nessas condições são 6,4% e as negras são 4,5%. A pesquisa também aponta as disparidades educacionais entre negros e brancos. Segundo ela, o analfabetismo dos negros maiores de 15 anos atinge a 16,8% deles, enquanto 7,1% dos brancos nessa faixa etária são analfabetos. No ano da coleta dos dados, 2003, a taxa média nacional de analfabetos era de 11,6%. A média nacional de analfabetismo, na edição anterior do estudo era de 16,4%. Ou seja, os negros apresentam taxa de analfabetismo bem superior à média da população.

Negras ganham 30% do salário de homem branco

O salário médio de um homem negro no Brasil não chega à metade do que recebe um homem branco. Uma mulher negra tem rendimentos que só chegam a 30% do salário de um homem branco. Os dados coletados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) mostram que, enquanto ser negro ajuda a piorar a situação social de uma pessoa, ser mulher e negra a põe na última linha social. A notícia é do jornal *O Estado de S. Paulo*, 18-11-05. A pesquisa Retratos da Desigualdade foi preparada pelo Ipea com base em números da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad). Os dados salariais de 2003 mostram que a média de rendimentos de um homem branco chega a R\$ 881,11. Na outra ponta, uma mulher negra recebe, em média, R\$ 279,70. Apesar de terem escolaridade maior que os homens, as mulheres - tanto brancas quanto negras - recebem salários inferiores. As mulheres negras ainda têm mais dificuldades de encontrar empregos melhores e com carteira assinada do que as brancas.

Homossexualidade. A Igreja anglicana à beira do cisma

Rowan Williams, arcebispo de Canterbury, chefe da Comunhão anglicana (77 milhões de fiéis no mundo), é motivo de uma polêmica sem precedentes por suas posições julgadas muito tolerantes na questão do clero homossexual. A notícia é do jornal *Guardian*, 17-11-05 e reproduzida pelo jornal *Le Monde*, 18-11-05. Numa "carta aberta", publicada ontem, dia 17-11-05, pelo jornal *Guardian*, assinada por 17 dos 38 primazes (chefes das Igrejas nacionais) da Comunhão anglicana, ele é instado a tomar medidas contra "a imoralidade sexual" de uma parte do clero da Igreja,

reunida no sínodo geral em Londres. "Pedimos-lhe, vivamente, que reconsidere o seu ponto de vista pessoal (...) e aja conforme as prescrições da Escritura", escrevem os subscritores da "carta aberta", inspirada pelos chefes das Igrejas africanas, lideradas por Peter Akinola, arcebispo de Lagos, Nigéria, que já rompera seus laços com a Igreja episcopal (anglicana) dos EUA. Foi a ordenação, em 2003, de um bispo homossexual, Gene Robinson, em New Hampshire, que provocara este cisma entre as Igrejas africanas, hostis a todo clero "gay", e as Igrejas ocidentais, julgadas muito liberais.

O paradoxo do ideal da solidão, segundo Contardo Calligaris

Para o psicanalista Contardo Calligaris, a solidão é, antes de tudo, um ideal. Em entrevista publicada pela revista *Cult*, no. 97, nas bancas, Contardo Calligaris explica: "Se eu for solitário, me parecerei com o Clint Eastwood e, portanto, serei invejado por outros homens e amado por todas as mulheres, que nunca me terão. Por isso, elas também nunca poderão descobrir que, na verdade, não sou essa grande coisa que elas imaginam. No fundo, é um paradoxo: me interessa ser solitário porque isso me torna um sucesso social. O paradoxo do ideal da solidão é aquele em que estou disposto a me privar dos prazeres da companhia sob a condição de ter a certeza de estar no centro das atenções de todos". "Quem tem pelo menos um amigo e um amor, quebra a solidão", constata o psicanalista Calligaris. E continua: "Só que a amizade, até mais do que o amor, é um negócio que dá trabalho. E, em geral, as pessoas que se queixam da solidão são pessoas extremamente avaras - não estou falando de dinheiro, estou falando de si mesmo. Não se consegue uma amizade sem generosidade. Ela custa caro."

Frases da semana

A vida on-line

"A vida on-line é assim. Tudo acontece e nada acontece ao mesmo tempo". - **Clovis Rossi, jornalista - Folha de S. Paulo, 18-11-05.**

Filósofa desprevenida

"Eu diria que a crise me pegou, não desprevenida, porque desde o dia 1º de janeiro de 2003 eu espero o impeachment de Lula. Toda manhã acordo e pergunto: "Será que o impeachment é hoje?". Porque talvez eu seja uma das poucas marxistas que acreditam que a classe dominante opera. E que ela não vai entregar o país e o poder à esquerda. Eu diria que, se me surpreendi, foi com a demora. Demorou a vir a famosa crise". - **Marilena Chauí, filósofa, em entrevista publicada na revista Caros Amigos - Folha de S. Paulo, 18-11-05.**

O mandato é da Igreja

"Meu mandato é da Igreja Universal. Fui eleito pela igreja e sigo suas determinações. A palavra final é dela. Era subordinado ao Bispo Rodrigues". - **Wandervall Santos, deputado federal - PL-SP -, se defendendo no Conselho de Ética, onde está sendo julgado por falta de decoro parlamentar - O Globo, 18-11-05**

Palocci

"O prefeito Palocci está matando o ministro Palocci". - **Eliane Cantanhêde, jornalista - Folha de S. Paulo, 17-11-05.**

“Se Palocci caísse, o governo acabava”. - José Dirceu, deputado federal - PT-SP - O Estado de S. Paulo, 17-11-05.

“Sou oposição ao governo, defendo o Palocci”. - Delcídio Amaral, líder do PT no Senado - Jornal do Brasil, 18-11-05.

“Não é Palocci que está fraco. O modelo de 15 anos é que se esgotou. Lula está sensível a isso. Palocci vai acabar concordando com Dilma”. - Paulo Delgado, deputado federal - PT-MG - O Globo, 18-11-05.

A ministra e o Zeca

“A Marina tem uma visão ”amazônica” do meio ambiente. Antes de ela vir aqui e falar besteira, ela devia conhecer o Pantanal para não cometer erros”. - Zeca do PT, governador do Mato Grosso do Sul - O Estado de S. Paulo, 17-11-05.

IHU em revista

eventos	pg. 59
ihu repórter	pg. 64
sala de leitura	pg. 67

Semana da Consciência Negra

Possibilitar a formação teológica e a cidadania religiosa dos afrodescendentes, conhecer e aprofundar temáticas que contribuam com a visibilidade da cultura negra e promover oportunidades de aprendizados para a população negra e as demais culturas na Universidade, nas escolas e nos projetos sociais foram alguns dos objetivos aos quais se propôs a **Semana da Consciência Negra**, realizada de 14 a 18 de novembro, no Auditório Central da Unisinos.

Promovida pelo Programa Gestando o Diálogo Inter-religioso e o Ecumenismo

(GDIREC), IHU e a Diretoria de Ação Social e Filantropia, a **Semana da Consciência Negra** inspirou algumas entrevistas com os palestrantes dos eventos, publicadas nas notícias diárias da página www.unisinos.br/ihu. No dia 11 de novembro o entrevistado é José Carlos Silva Rodrigues, sobre as comunidades remanescentes dos quilombos. Em 12 de novembro a entrevista foi com Diorge Konrad, da UFSM, sobre Zumbi dos Palmares. Valmir Ferreira Martins, o Babadiba de Yemonjá, falou sobre a teologia africana em 17 de novembro.

Os jesuítas e a globalização: origens, história e impactos. Seminário Internacional

No período de 3 de dezembro de 2005 a 3 de dezembro de 2006 será celebrado no mundo inteiro o Ano Jubilar Inaciano, comemorando o quinto centenário de nascimento de Francisco Xavier e Pedro Fabro e os 450 anos da morte de Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus.

Para marcar o evento, as universidades jesuítas brasileiras, lideradas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e pelo Instituto Humanitas Unisinos- IHU, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, realizarão o **Seminário Internacional Os jesuítas e a globalização. Origem,**

história e impactos, a ser realizado nos dias 25, 26, 27 e 28 de setembro de 2006, para analisar e debater a trajetória e a marca da ação jesuíta no Brasil e no mundo, precursora do fenômeno da globalização.

Estão previstas onze grandes conferências com renomados autores internacionais para debater temáticas relativas aos campos da História, da Teologia Pública, da Administração, da Psicanálise e das Ciências Sociais. Os conferencistas se apresentam em dias alternados nos diferentes locais.

Para mais informações consulte a página do IHU, www.unisinos.br/ihu.

Superior Geral da Companhia de Jesus abre Seminário Internacional no Brasil

No dia 25 de setembro de 2006, o Pe. Peter-Hans Kolvenbach, superior geral da Companhia de Jesus abrirá, com uma conferência, o Seminário Internacional

Os jesuítas e a globalização: origens, história e impactos na Unisinos e na PUC-Rio.

Entrevista da IHU On-Line é capa no UOL

“Cozinhar tem efeito terapêutico, diz especialista” foi o título da capa do UOL no domingo, 13-11-05. A matéria reproduzia a entrevista *A terapia de cozinhar*, de Sonia Hirsh, concedida à revista *IHU On-Line*, 7 de novembro de

2005, número 163. A entrevista com Sonia Hirsh foi publicada na edição da revista cujo título de capa é: **A comida fala. Redescoberta da mesa em tempos de fast food**. A revista está disponível no sítio www.unisinos.br/ihu.

Ciclo de Estudos “Desafios da Física para o Século XXI: uma aventura de Copérnico a Einstein”

A Computação quântica

Encerrando o Ciclo de Estudos “Desafios da Física para o Século XXI: uma aventura de Copérnico a Einstein” o Prof Dr Fernando Haas, da Unisinos, falou em 16 de novembro, sobre *Computação quântica: desafios para o século XXI*. Uma entrevista sobre o

assunto foi publicada na *IHU On-Line* 164. Alguns dos pontos abordados foram a diferença entre computação quântica e clássica e os desafios da primeira em nosso século. Confira abaixo o que dois dos participantes do evento disseram a respeito da atividade.

Ecos do Evento

“Fiquei surpreso positivamente com a palestra porque já ouvia falar bastante sobre computação quântica, mas não possuía informações concretas. Entre as idéias que

discutimos, destaco a questão de que as pessoas pensam que a tecnologia já atingiu seu ápice. Isso não é verdade. O que se conseguiu até agora é apenas uma parte das possibilidades que a tecnologia, aliada ao conhecimento, pode oferecer. Muitos avanços ainda estão por vir. A palestra motivou os alunos a estudar e pesquisar. Eu, particularmente, senti-me privilegiado em participar desse debate”.

José Evair Martineli, aluno da graduação em Física na Unisinos, 2º semestre

“A comunicação eletrônica hoje é uma realidade. Eu, por exemplo, vivo envolvida em responder e-mails em função de minha atividade. Assim, cada um de nós deve estar muito atento porque senão nós podemos nos tornar escravos desse veículo tão cheio de possibilidades que é o computador. É nesse aspecto que destaco a computação quântica, que potencializaria e facilitaria o mecanismo de comunicação e otimizaria o tempo das pessoas. Do ponto de vista humano, a computação quântica, com a economia de tempo que pode oferecer, elevaria a qualidade de vida das pessoas. É uma possibilidade riquíssima a ser explorada”.

Dinorah Araújo, produtora cultural na Unisinos, jornalista e atriz

IHU Idéias

Mídia digital e universo acadêmico

Em 17 de novembro, a Prof^a Dr^a Hiliana Reis, diretora ajunta do Instituto Humanitas Unisinos – IHU e pesquisadora na área de Ciências da Comunicação da Unisinos conduziu o

IHU Idéias *Mídia digital e universo acadêmico*. O assunto é um desdobramento do projeto de pesquisa que ela desenvolve na área da Comunicação, onde também leciona.

Ecossistema do Evento

“Como bolsista, aproveitei muito esse evento porque pude conhecer, com mais detalhes, o trabalho da professora Hiliana. O principal aspecto que destaco é a respeito dos usos que os estudantes estrangeiros fazem das mídias digitais. Na verdade, todos nós usamos mídias digitais em nosso cotidiano, mas não paramos para avaliar a importância delas. Esse foi um momento propício para olharmos com detalhes o quanto a tecnologia influencia a realidade das pessoas”.

Alexandre Camilo Tremarin, estudante de Publicidade e Propaganda na Unisinos, 7º semestre

“Para mim este evento foi importante em dois aspectos. O primeiro deles porque sou aluna da professora Hiliana na disciplina de Realidade Latino-Americana em Comunicação. Assim, pude captar mais detalhes na palestra sobre os assuntos que estudamos em aula. O segundo diz respeito a que, enquanto bolsista em outro tipo de pesquisa, pude ver como um objeto de estudo pode ser analisado de diferentes modos. A discussão sobre a mídia digital, em si, também despertou idéias e curiosidade”.

Úrsula Schilling, estudante de Jornalismo na Unisinos, 4º semestre

A fragilidade da razão

Nesta quinta-feira, 24 de novembro, o Prof Dr Evilázio Borges Teixeira, conduz o **IHU Idéias** apresentando o seu livro recém-lançado, ***A Fragilidade da Razão: Pensiero debole e niilismo hermenêutico em Gianni Vattimo***. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. O livro se insere no quadro da problemática da filosofia contemporânea, tendo como pano de fundo o pensamento de Gianni Vattimo, sintetizado na fórmula *pensiero debole* (pensamento fraco). A proposta vattimiana encontra nesta metáfora a sua concentração e na ontologia niilista da hermenêutica a sua explicitação. O **IHU Idéias** acontece na Sala 1G119 do IHU, das 17h30min às 19h. A entrada é franca.

Sobre seu livro, o Prof Dr Evilázio concedeu entrevista por e-mail à **IHU On-Line** nº 161, sob o título *A debilitação do ser e a fragilidade da razão*, na editoria **Sala de Leitura**.

Evilázio é bacharel e licenciado em Filosofia, e Teologia e mestre em Filosofia pela PUCRS. É mestre e doutor em Teologia pela *Pontificia Università Gregoriana* (Roma) e doutor em Filosofia pela *Pontificia Università Santo Tommaso d'Aquino* (Roma) com o projeto de pesquisa: *Pensiero debole e niilismo hermenêutico: a provocação filosófica de Gianni Vattimo*. Foi professor de Filosofia e Teologia na PUCRS, diretor do Centro de Pastoral da PUCRS da qual atualmente, é vice-reitor. Dentre as suas obras publicadas no Brasil, destacamos: *O gemido de Jô, gemido do povo*. São Paulo: Paulinas, 1997; *Educação do homem segundo Platão*. São Paulo: Paulus, 1999; *Imago Trinitatis. Deus Sabedoria e Felicidade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. Para breve deve acontecer o lançamento de *Aventura Pós-Moderna* pela editora Paulus.

Sala de Leitura

Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia. Esse foi o livro apresentado no **Sala de Leitura** pelo Prof Dr Valério Cruz Brittos, docente no PPG em Comunicação da Unisinos, em 18 de novembro. Álvaro Benevenuto Jr e Attilio Hartmann também apresentaram os

capítulos que produziram na obra. O livro é organizado por Valério, Othon Jambeiro e Álvaro Benevenuto Jr. Num artigo exclusivo à **IHU On-Line** 164, de 14 de novembro de 2005, discutindo aspectos sobre a televisão no Brasil.

Ecoss do Evento

“Cada um dos palestrantes trouxe idéias interessantes. O Prof Valério falou sobre o problema da legislação da TV no Brasil e as relações de poder e domínio estabelecidas pela Rede Globo. Atílio discutiu a questão da religiosidade na mídia, sobretudo o aspecto do espetáculo a que ela está exposta. Finalmente, o Prof Álvaro tratou a respeito da linguagem e imaginário na TV. Foi a **Sala de Leitura** mais interessante da qual participei”.

Rosa Bavaresco, coordenadora dos Programas IHU Fronteiras e Humanitas Arte, do
Instituto Humanitas Unisinos - IHU

“Gostei bastante da **Sala de Leitura**, apesar de não ser minha área. Chamou-me atenção principalmente a questão da presença das igrejas evangélicas na televisão brasileira, produzindo grandes espetáculos midiáticos. A discussão que se seguiu também foi de grande importância”.

Camila Silveira Marques, estudante de Pedagogia, na Unisinos, 3º semestre

Quarta com Cultura Unisinos

Ciclo de Estudos sobre o Brasil

Nesta quarta-feira, 23 de novembro, das 19h30min às 21h30min, o Prof Dr Paulo Seben de Azevedo, docente na UFRGS, apresenta o livro *Parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. 9. ed. São Paulo: Editora 34/Livraria Duas Cidades, 2001, de Antonio Candido. Trata-se de mais uma atividade do **Ciclo de Estudos sobre o Brasil** dentro do **Quarta com Cultura Unisinos**, que acontece na Livraria Cultura, em Porto Alegre, no Shopping Bourbon Country.

A obra, considerada um dos maiores clássicos da sociologia brasileira, foi publicada originalmente em 1964. Desde então, é referência para estudiosos da cultura de nosso país. Sua maior inovação centra-se na análise de um grupo social até então tradicionalmente marginalizado na

sociedade – o caipira. A nova edição traz fotografias inéditas realizadas pelo autor durante a pesquisa de campo, em 1954, em Bofete (SP), além de uma breve biografia.

Paulo Seben de Azevedo é graduado em Letras pela UFRGS, mestre e doutor em Lingüística e Letras pela PUCRS, com a tese *Serás lido, Uruguai? A contribuição de uma versão de O Uruguai, de Basílio da Gama, para uma teoria da adaptação*, que deu origem ao livro *O Uruguai, de Basílio da Gama*. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2001. Publicou, entre outros, *Tango da Independência*. Porto Alegre: Unidade Editorial Porto Alegre, 1995 e *Caderno Globo 33*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro: CORAG, 2002. Seben concedeu entrevista à *IHU On-Line* nº 114, de 6 de setembro de 2004.

I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia

A era industrial e a contribuição de Marshal

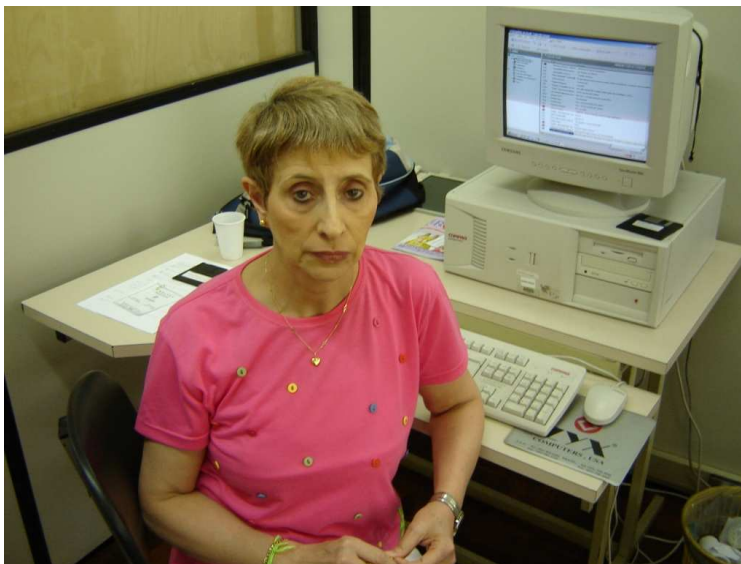
Discutir *A era industrial e a contribuição de Marshall*, com um enfoque especial na obra *Principles of Economics*, escrita em 1890 pelo economista Alfred Marshall (1842-1934). Esse é o objetivo da conferência desta quinta-feira, 24 de novembro, do **I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**. A palestrante é a Prof^a Dr^a Ana Lúcia Gonçalves da Silva, docente na Unicamp,

em São Paulo. Anote o local e horário: Sala 1G119, do Instituto Humanitas Unisinos (IHU), das 14h às 17h.

Ana Lúcia é doutora em Economia pela Unicamp com a tese *Concorrências sob condições oligopolísticas: contribuição das análises centradas no grau de atomização/concentração dos mercados*, publicada como livro pela Unicamp, em 2004.

IHU Repórter

Luiza Maria Carravetta



Sua trajetória é de muita luta e de vários louros. As conquistas incluem titulações, mas a mais importante é a de Cidadã Leopoldense. “Foi uma das coisas mais significativas da minha vida, porque me sinto fazendo parte desta cidade. Dizem que quem bebe água do Rio dos Sinos não sai mais daqui”. A educação que batalhou para ter e que a fez

admiradora das idéias de Saussure, Lévi-Strauss, Roland Barthes e Umberto Eco, não a distanciou do seu objetivo primeiro que é mediar a busca e partilha de informação com aqueles com quem divide a sala de aula. Quem é, foi ou será seu aluno, em algum momento irá perceber a importância que as histórias de vida assumem em sua aula. As “fontes”, os alunos ou quem quer que seja jamais serão números possíveis de contabilizar, mas a possibilidade infinita de formar novos laços e sempre com ternura. Do livro *Pais brilhantes, professores fascinantes*, de Augusto Cury, tira uma lição: “Professores fascinantes formam pensadores que são autores da sua história, professores fascinantes contam histórias”. Luiza

Maria Carravetta, professora do curso de Jornalismo, na Unisinos, conta sua trajetória.

Origens – Minha família é de Porto Alegre. Do lado de meu pai sou gringa mesmo, a família Carravetta é de origem italiana. Minha mãe tem origem portuguesa e indígena. Entendo praticamente tudo de italiano, só não falo porque minha mãe se sentia um pouco isolada no meio da italianada e preferia que falassem comigo em português. A mãe assimilou essa identidade rapidamente e fazia comidas típicas maravilhosas. Brincava dizendo que se a torcessem saía molho de macarrão. Meu pai sempre quis estudar, mas muito cedo precisou cuidar da família, porque meu avô morreu em consequência de seqüelas de guerra. Ele só começou a estudar quando éramos grandes. Eu estava terminando o ginásio, e o pai, o curso de Farmácia. Quem olhava de fora dizia que estávamos todos brigando e na verdade estávamos conversando como uma boa família italiana. Até hoje falo muito com as mãos.

Família – Tenho um pouco de minha mãe e um pouco de meu pai. A mãe não tinha estudo, mas de todos nós sempre foi a mais sábia. Acho que foi a pessoa mais criativa que conheci. Sempre tinha uma idéia diferente na hora de fazer um desenho, uma pintura, uma comida ou, até mesmo, na hora de falar algo. Era muito otimista, enfrentava tudo. Acho que herdei isso dela, me sinto uma pessoa criativa. O pai era mais reservado. Era muito mais observador, reflexivo, um pesquisador. Do lado do pai tive toda uma educação italiana. Ele ouvia ópera, pois teve uma educação mais refinada. A mãe veio de uma família mais simples. A formação que temos na infância é fundamental, é ela que nos prepara para a vida. Minha infância e adolescência foram períodos em que tivemos muitas dificuldades financeiras. O pai estudava na UFRGS, porque era a única possibilidade de cursar uma universidade, mas as aulas eram diurnas e ele precisava ajustar os horários de trabalho. Na época, ele trabalhava como revisor no Correio do Povo. Criei-me basicamente na Vila do IAPI, em Porto Alegre. Tínhamos poucos recursos, mas era uma vida muito rica em experiências. Morávamos ali, mas de certa forma éramos diferentes. Nós todos estudávamos e fomos a primeira família a ter televisão.

Trajetoária Profissional – Formei-me em Letras. Meu primeiro emprego foi como professora de Português da rede estadual em São Sebastião do Caí. Optei por Letras, porque queria aprender inglês. Sempre alimentei muito o desejo de conhecer os EUA. Para uma menina pobre lá da Vila do IAPI, isso parecia inatingível. O pai, mesmo com limitações financeiras, me colocou em um curso de inglês, quando viu que eu queria aprender. Sempre foi um incentivador. Quando comecei a trabalhar, eu já havia casado e estava morando em São Leopoldo. Logo que concluí a graduação, recebi um convite para trabalhar aqui na Unisinos. Ministrava algumas disciplinas relacionadas ao português dentro do curso de Comunicação Social. Era estranho, eu ali, dando aula, sendo colega dos meus professores que eram meus ídolos. Senti que precisava estudar e comecei a construir uma carreira relacionada à Língua Portuguesa. Fiz especialização, mestrado e doutorado na área. Meu desejo, porém, era Jornalismo sempre esteve presente e, de certa forma, já se manifestava nos temas que escolhi para minha dissertação e tese. No doutorado, optei por pesquisar produção textual, voltada para a comunicação, já fazendo um link entre as duas áreas. Optei por não cursar Jornalismo na Unisinos por sugestão do diretor da Comunicação à época, pois achava que poderia criar-se uma situação

constrangedora já que seria colega dos meus alunos em determinadas disciplinas. Fui estudar na Famedcos. Fiz o Pós Doutorado em Los Angeles, na área de Televisão: produção, direção e roteiro.

Influências – Minha vocação para TV vem desde a infância. O pai sempre permitia que fôssemos ao cinema. Mandava-me com meus irmãos para assistir à matinê. Tive uma infância rica nesse sentido. Era vizinha da Elis Regina, na Vila do IAPI. Ela já cantava no Clube do Guri e, com frequência, após a apresentação, ia à matinê também. Ela já era uma mocinha, devia ter uns 15 anos, e eu uns 11. Nós ficávamos observando a Elis. Havia o glamour do Rádio na época. Ela estava sempre bem arrumadinha e chamava a atenção. O fato de o pai gostar muito de cinema e me incentivar sempre a ir, foi decisivo no fato de eu me apaixonar por imagem e por TV. São lembranças muito especiais dessa época.

Espiritualidade – Tive formação católica e sempre fui praticante. Já no Julinho⁴² participava de um grupo formado por alunos egressos de colégios católicos organizado pelo padre Augusto Dalvit. Mas também sempre fui crítica em relação a algumas questões da Igreja Católica, como formas de oração, por exemplo. Uma das coisas importantes que aconteceram na minha vida foi o fato de eu ter começado a trabalhar com a espiritualidade inaciana, pois eu me identifiquei com ela. Comecei a aprofundar os estudos em 2002, quando recebi um convite para participar de um grupo no santuário Pe. Reus. Entrei em contato com os exercícios espirituais na vida cotidiana. Nunca havia imaginado que na Igreja Católica pudéssemos trabalhar com meditação e contemplação. É mágico. Passei a admirar Santo Inácio de Loyola. Quando voltei para a Unisinos, em 2003, procurei quem trabalhasse essa temática e comecei a participar das Pegadas de Inácio, no Cecrei. Cheguei à 5ª etapa, que é um retiro de uma semana de silêncio, contemplação e meditação. É uma coisa que me dá forças para agüentar as provas e é um exercício de fé diferente. A fé tem que ser trabalhada e cultivada, pois é um norte na nossa vida, é fundamental, segundo Santo Inácio de Loyola: Buscar e encontrar Deus em todas as coisas.

Obstáculos – Durante minha trajetória, tenho algumas publicações, mas há uma pela qual tenho um carinho especial. Gravei um CD de áudio chamado *Caminhos de Luz*. Num intervalo de três anos, perdi minha mãe, meu pai e minha irmã. No ano em que minha irmã faleceu, tive um acidente feio. Queimei os olhos com um produto químico e pensei que fosse ficar cega. Precisei ficar uma semana no quarto sem luz. Quando isso aconteceu, estava me preparando para fazer o caminho de Santiago. Com o acidente, me dei conta de que não precisava caminhar 800km para fazer uma viagem ao meu interior. Este período foi um divisor de águas na minha vida. Não podia fugir de mim mesma, estava impedida de fazer as duas coisas de que mais gosto que são ler e ver televisão. Fiz um mergulho interior no qual fiz esse questionamento de fé. Comecei a pensar o que Deus queria que eu fizesse. O que posso fazer para olhar para os lados. Um amigo veio me visitar e mostrei a ele alguns textos. Ele sugeriu que eu fizesse um site, mas achava uma homepage muito elitista. Decidi fazer um CD com mensagens positivas e de fé, tendo como base a espiritualidade inaciana.

⁴² Colégio Estadual Júlio de Castilhos, de Porto Alegre.

Livro – *A última grande lição*, de Mitch Albom. É a história de um professor universitário, que tem uma doença degenerativa, que faz com que vá perdendo os movimentos. Ele encontra-se com Mitch, que havia sido orientado por ele na universidade. Encontram-se durante 14 terças-feiras. Na medida em que vai perdendo a capacidade física, vai revendo valores e crescendo espiritualmente. Cada encontro é uma lição.

Autor – Erico Verissimo. Li a obra dele toda e releio algumas vezes. Ainda é o maior.

Filme – *Casablanca*, de Michael Curtiz e *Cinema Paradiso*, de Giuseppe Tornatore.

Música: Smile de Chaplin, e todas as italianas

Presente – Acho muito mais significativo quando recebo alguma coisa escrita e ela me diz realmente algo.

Unisinos – A Unisinos sempre foi muito importante na minha vida. Tive um período muito grande na PUC, mas passei boa parte da minha vida aqui. A impressão que tenho é que nunca saí daqui, tamanha a identificação que tenho com a Universidade. Meu pai estudou no Anchieta, e sempre ouvi falar muito bem dos jesuítas. Vi a Unisinos crescer, acompanhei a transição da antiga sede para cá. Acompanhei uma das primeiras imagens da Unisinos. Olhamos para os lados e vemos um *campus* bem cuidado. Lembro daquelas universidades americanas, inclusive aquela onde estudei.

Instituto Humanitas Unisinos – Acho que existe uma preocupação grande do Humanitas com as publicações, mas sempre penso se seria possível fazermos algo para envolver mais os alunos nas atividades. Sinto falta de um projeto que trabalhasse mais a espiritualidade inaciana. Não saberia como fazer, que ações tomar, mas acho que seria interessante. Quando eu voltei para a Unisinos, havia um espaço em que a gente trabalhava com a espiritualidade inaciana que acho uma coisa importantíssima. Nos tínhamos encontros semanais, acho que isso deveria ter continuidade.

Sala de Leitura



“Estou lendo *Fight club*, a novel by Chuck Palahniuk (Editora Henry Holt and Company, 1996). Não posso dizer que é o meu estilo de leitura favorito. Na verdade, essa é uma leitura influenciada pela minha filha adolescente. Mas o livro tem muitos elementos interessantes. *Fight Club* é um livro com um ritmo diferente: são frases curtas e capítulos curtos, refletem a ansiedade e confusão mental do protagonista, que, ao desenrolar da história, se torna consciente da sua esquizofrenia. O personagem é responsável pela criação de um movimento de culto à luta que rapidamente se alastra pelas grandes cidades, mas a verdadeira luta em que ele se engaja é na luta consigo mesmo. Um filme baseado nesse livro foi estrelado por Brad Pitt e Edward Norton, com uma incrível adaptação do ritmo que mencionei antes. Como primeiro vi o filme, iniciei a leitura com mais curiosidade sobre como a mesma história pode ser contada em diferentes mídias, do que sobre a

história propriamente dita, o que tornou a leitura peculiar e interessante num primeiro momento. Porém, agora no final, eu já estou absorvida pela trajetória do personagem”.

Profª Dra. Renata Vieira, doutora em Informática, professora do PPG em Computação Aplicada, na Unisinos.



“Em *Allegro ma non troppo: As leis fundamentais da Estupidez Humana* (CIPOLLA, Carlo. *Allegro ma non troppo: As leis fundamentais da Estupidez Humana*. São Paulo. Editora Celta, 2002.), o historiador econômico italiano Carlo Cipolla (1922-2000) criou, uma “espirituosa invenção”. Deve-se ressaltar, no entanto, que, além de espirituosa, a sua “invenção” é de uma originalidade ímpar para descrever a ruína e a falta de esperança observada em alguns países. O autor divide os seres humanos em quatro grupos, de acordo com o efeito de suas ações. Os inteligentes seriam

aqueles cujas ações gerariam um benefício para si próprios, sem prejuízo para os membros do meio em que vivem. Os crédulos, por sua vez, seriam aqueles que beneficiariam outros em detrimento de si mesmos. Os bandidos, ao contrário dos crédulos, se beneficiariam em detrimento dos outros. Finalmente, haveria os estúpidos, a quem o autor dedica a maior parte de sua análise. Estes indivíduos agiriam de forma a prejudicar os demais, sem que isso lhes trouxesse qualquer benefício. O perigo, e ao mesmo tempo o poder, da estupidez residiria no fato de as pessoas razoáveis acharem difícil entender este tipo de comportamento e, portanto, se precaveram contra ele. Logo, seriam pegas de surpresa pelas ações dos estúpidos. Segundo o autor, uma característica comum dos países em declínio seria uma proliferação de bandidos, com uma elevada proporção de estupidez daqueles indivíduos que estão no poder e, ao mesmo tempo, a existência de um grande número de crédulos entre o restante da população. Esta combinação explosiva, identificada por Cipolla, parece descrever, com precisão, o poder destrutivo que certas ‘elites’ têm exercido em determinados países atualmente”.

Professor Doutor André Filipe Zago de Azevedo, professor da área de Ciências Econômicas, na Unisinos.



“Motivada pela entrevista que fiz com o Prof Dr José Alberto Baldissera sobre o filme *O nome da rosa*, exibido no **Ciclo de Estudos Idade Média e Cinema**, do IHU, estou lendo o livro de Umberto Eco que originou essa produção (Rio de Janeiro: Record, 1986). Os aspectos discutidos suscitam temas filosóficos que me interessam muito, como o nominalismo, que se contrapõe ao platonismo e seus universais. As infinitas relações estabelecidas entre linguagem e significado remetem a esse embate que continua atual e digno de estudo. Mesmo que não tenha sido o objetivo de Eco, é impossível deixar de conjecturar semelhanças entre William de Baskerville e o filósofo inglês William of Ockham (1285-1350), considerado um dos fundadores do nominalismo e o criador da proposição que mais tarde passou a ser chamada de ‘Navalha de Ockham’. Outro ponto sobre o qual estou interessada é a respeito da proibição aos monges em acessar certos livros, como a *Poética* de Aristóteles, que suscitaria a ironia e, conseqüentemente, a perda da fé, ameaçando a ordem na abadia. Em torno desse receio, a obra aristotélica é a chave para a descoberta do mistério da morte de sete monges, todos eles leitores dessas páginas proibidas. Por fim, destaco a

riqueza de detalhes e a linguagem de *O nome da rosa*, que fazem de cada uma de suas páginas uma verdadeira aula sobre a Idade Média e sua filosofia”.

Márcia Junges, jornalista no IHU e mestranda em Filosofia na Unisinos.